

GENNESCO.

VIDA ACADEMICA.

Il n'y a personne qui ne fasse son
petit Faust, son petit Don Juan, son
petit Manfred ou son petit Hamlet,
le soir auprès de son feu, les pieds
dans de très-bonnes pantoufles.
(*Esprit des Journaux*).

S. PAULO.

TYPOGRAPHIA LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12.

1861.

CHICAGO

YIDA YEADREHICA

It is a pleasure to have you
and your family in our
city. We are all well and
hope you are the same.
I am sure you will find
many friends here.

S. PAUL

TELEGRAPHIC LITERATURE—NEW YORK

1891

A meus companheiros de casa.

Meus amigos. Jorge Sand—a bella romancista—respondendo á um critico de mérito, o Snr. Nisard, dizia : « conta-se em Florença e Milão muitas anedoctas, verdadeiras ou falsas, sobre o immortal Benvenuto Cellini.

Dicerão-me que acontecia-lhe muitas vezes emprender a factura de um vaso, e desenhar-lhe as fórmãs e proporções com subido esméro. Mas, uma vez na obra, era-lhe habitual tão singularmente apaixonar-se por uma figura ou um certo festão que elle acabava por enlevar-se no engrandecimento de uma, por poetisal-a, e no deslocamento de outra por dar-lhe mais graciosa curva. Então—elle—levado pelo amor do detalhe, esquecia a obra pelo ornamento, e notando, já tarde, a impossibilidade de tornar ao designio primitivo, em lugar de uma taça que encetára, produzia uma tripeça, por um jarro—uma lampada—em lugar de um Christo—o punho de uma espada. E' assim que contentando-se, elle acabava por descontentar aquelles á quem se destinava o seu trabalho».

Ora se da obscuridade do meu gabinete, humil-

dade de minha palavra, eu pudesse fallar-vos sobre Gennesco nenhuma explicação avantajára á ingenhosa observação da perigrina moça. Se o simile não me vai pela grandesa do genio, é certo no entanto, que vem aqui á pello, vista a identidade de circumstancias.

Como sabeis, havia escripto differentes artigos sobre themas diversos. Essa composição rapida, ephemera, e jornalística, jazia esparsa, confusa, e empoeirada em minha pasta de escriptor, vistes-la:— e me insuflastes a idéa de atal-a em um feixe, e dar á luz um volume; abracei o conselho e appareço hoje trasendo o mesquinho obôlo para depô-lo á vossos pés.

Sois, todos, meus amigos; tão gravados estão em meu peito vossos nomes, época saudosa em meu viver peregrino, que fôra difficil riscar um só sem incorrer no sacrilegio de desbotar um outro. Tão solidarios vão elles!

Tendo-nos ligado o laço magico de pura amizade, tendo sido o nosso idéal o mesmo, nosso viver commum, e esperanças, tão communicadas, era indeclinavelmente á vós, que eu devia dedicar meu primeiro trabalho de fôlego.

E' bem humilde; pobre, talvez, de mérito, de belleza e de incanto; arrojado nas fórmãs, rebelde á rotina, tão selvatico, em fim, que fôra sandice querer sujeital-o ás fórmãs estreitas da arte—theorica. E' um selvagem, pobre diabo que anda de pena e fléxa no meio dos fidalgotes de casaca; muito excentrico para comprehender a ordem do dia.

Depois, meus amigos, pensais comigo. Não é com uma pennada, mais ou menos dogmatica, que se pauta regras á inspiração. Não é da enumeração forçada, trivial e emphatica, em um seculo, que se póde dedusir o espirito que levou um cerebro á

criar uma obra. Estão neste caso os inimigos posthumos da eschola byronica. Onde bate o coração, estremece a inspiração, e vòa sublime a imaginação : ahí está Byron. Lembrai-vos do Euphorion de Faust.

Tornou-se um lugar commum esse arrogânho impotente por derruir o que o tempo levantou. Gritão, gritão, enrouquecem e acabão curvando-se ante o idôlo que maldisião. E' a fabula da serpente mordendo, na impotencia, sua propria cauda.

Quando eu vejo os moços perfumados, risonhos e tão amantes da vida, das flores e das festas se persignarem ao nome de Byron, ou segurarem o relogio á visão medonha dos salteadores do poeta, lembro-me de Tartufo—o misero devasso que, na hypocrisia do cynico, sumia, virtuosamente, o rosto nas mãos, estremecendo lubrico ante os seios nús de Dorina ; e ouço, com a face rubicunda e feliz, o bôbo de Shakspeare iniciando a philosophia commodista dos risos, ceu azul, e amor na realidade ; sua voz—lacrimosa—parece diser :—« crês, pois, porque és virtuoso, que não deve haver mais nesta terra nem bolos doirados, nem vinho das Canarias ?

Bem vêdes, meus amigos era por demais crente o filho da tal realidade.

Querer idéar o molde do talento, circunscrever-lhe limites, prendel-o no ambito estreito da theoria real, é tão estúpido como diser ao poeta : canta isto, renega tu aquillo. A arte que deve ser livre, franca, e aberta a todo o adepto, olvidado o pas-saporte de suas crenças religiosas, politicas e communs, seria despotica, desvairada, implacavel, como aquelle salteador heroico que atava seus prisioneiros á um leito ; espichava-lhes os membros, sobre elle, até que o igualassem, se erão pequenos ; ou cortava-lhes a cabeça ou os pés, se erão grandes ;

para redusil-os á justa dimensão do leito. Livre-nos, pois, o bom Deus, dos artisticos Procustos.

Não é o mesmo o ponto de vista sob que encaramos os objectos; e, ás veses, as visões nos passam vestidas de uma roupagem sanguinolenta. Escriptos há onde cada palavra é um gemido, cada phrase um soluço, depois vem a blasphemia, o ster-tor, tudo isto é poesia, horrivel, sim, mas verdadeira.

Há na vida de todo ser que pensa e que lucha, momentos de descrença e de duvida; podemos, portanto, ser byronicos sem attrahir a maldição dos arlequins da poesia.

Lestes a bella introduccão ao drama Chatterton? Ahi se diz: «não há nem mestre, nem eschola, em poesia; o unico mestre é aquelle que digna fazer descer até o homem, a emoção fecunda, e faz sahir as idéas de nossas fronteiras que algumas veses se quebrão.» Quem assim falla é Vigny e em materia d'arte ninguem lançou a barra além d'elle.

Para esses que soffrêrão na duvida, que sentirão os dentes da descrença morderem-lhes as carnes, e chamárão, e chamárão e o paraíso não se abriu: —uma lagrima: vai mal o sarcasmo cospido sobre um tumulo. Ajoelhemo-nos e repitamos as palavras de uma mulher martyr: «aceitemos como grande lição as paginas sublimes em que *René*, *Werther*, *Oberman*, *Kourad*, *Manfred* exhalão seu profundo amor; ellas fôrão escriptas com o sangue de seus corações; ellas fôrão banhadas de suas lagrimas ardentes; pertencem mais ainda á historia philosophica do genero humano do que aos annaes poeticos. Não nos venha o rubor por termos chorado com esses grandes homens. A posteridade, rica de uma fé nova, contal-os-ha entre seus primeiros martyres.

Agora, vou fallar-vos ao ouvido : nada conheço de mais melancholico do que o magnifico luar de S. Paulo, quando o ceu é puro azul, o lago um paramo de brilhantes, onde os espiritos das aguas scintillão, beijando os raios da luz opáca ; e o vento passa trasendo, perdida em suas azas, a derradeira nota da modinha da moça, que scysma... ou o som enrouquecido do bronze da noite. Tudo isto é triste e fasia-me sonhar ; eu derramava esses sonhos pelo papel, incoherentes, vertiginosos, lugubres ás veses, e a tristeza passava.

Uns olhos negros, mas langues, uns labios roseos, mas ardentes, um pé mimozo, um collo elegante, e uma voz inspirada, abrião para mim um mundo novo, onde as mulheres erão anjos, as flores—perfumes, e os homens—irmãos : eu surria e escrevia. Meus sonhos erão Lelia, Julietta, Ophelia, Miranda, Haydéa, ou a alma dedicada de Gulnare—a homicida.—

Ora, perdido em meio dos praseres, com a fronte quente, o peito em palpite, e as mãos trementes, eu sonhava ao ruido do festim, ao tinir dos cópos, e voejar louco de uma valsa, um conto phantastico, á perder-se ao longe nas sombras azuladas onde a phantasia, tomando-o da terra, o deitava em delirio. Eu vi-a, então, Musset, Hoffman, Achim d'Arnim ; e com o sentimentalismo de Lamartine ou philantropia sensitiva de Vigny, eu desenhava em rudes traços, mão pesada, e lapis rombo, as fórmas bellas de Brigitta, Agandecca, Isabel, ou Kitty-Bell—a inglesa—a amante, castamente adultera, do pobre Chatterton.

No entanto, não vivemos só pelo coração.... a phantasia prostra e abate ; bate as asas e foge ; e ahi vem o frio, o gelo o positivismo da vida.... a idéa não volta, a mão pára, e o caso de Cellini

se reproduz: creio que encetando a imagem do Christo, terminei pelo punho de uma espada. Que quereis? A inspiração tem algum tanto de fatal: é a Pythia sobre a tripode. Eis ahi o segredo da vida de Gennesco. Entrego-vos-lo: protegei-o, João Carlos, Macedo, Chaves, Brant, Rabello, Matheus e Theophilo. Para vós que me conheceis, Gennesco não é um mysterio.

Vosso grato e eterno amigo

Theodomiro.

S. Paulo, 15 de Agosto de 1861.

GENNESCO.

VIDA ACADEMICA.

CAPITULO 1.º

Uma trança de cabellos.

—Na verdade, Gennesco, és um mancebo original; mysterioso como um hyeroglifico, incomprehensivel como o infinito. Tu, o moço entusiasta, fronte pállida, mas altiva, que eu tenho visto nas orgias de nossos amigos, enthusiasmar-se, despejando em catadupas torrentes de poesia, és o mesmo homem, que se ri infernalmente dos sentimentos mais puros que a sociedade consagrou. Pelo Papa! — eis uma maravilha.

—Mathus, meu caro amigo, ahí vens com tal algaravia que fôra para invejar aos nossos pregadores; não te sabia ainda esse talento particular. Diz-me, onde viste que o homem conhecesse o homem, e a intelligencia mais robusta, o genio mais perspicaz, podesse conhecer o nosso coração? Paginas

e paginas tem sido escriptas sobre tal assumpto, e estamos ainda no mesmo ponto de partida. No dia em que a philosophia somnambula poder explicar por que os astros gyrão, e desgarrão-se da orbita; por que o oceano corre, com suas borrascas, suas calmarias, e riquezas infinitas, hás de conhecer essa viscera, mathematicamente insignificante, que se chama um coração. Rio-me da sociedade por que acho-a extravagante e absurda em suas affirmações, syntheses e antitheses. A côrsa que foi uma vez ferida pelo caçador foge para o bosque, acolhe-se ao mais escuro das brenhas, mas a dôr a persegue, a irrita, e, ás vezes, a abate.

Ha vidas que, como a de Werther, fôrão roídas em flôr por um vérme de morte; o sól levanta, beija-a de passagem, e a filha dos campos desfolha-se prematura. O juizo do mundo é vário, inconsistente e caprichoso, como essas mulheres perdidas, cujas noites fastientas pagas com um obolo miseravel; fôra sedição contradizer-me. Em nossa idade quando a innocencia embala o berço de nossos sonhos, e a pureza dirige os nossos actos, devotamos por enthusiasmo, e arrojamos de nós, como a tunica de Nessus, os vãos preconceitos da sociedade —esse juiz implacavel, mas suspeito—que, com mil olhos inquisitoriaes espreita os nossos passos, tentando em tudo vêr o ridiculo,

Em nosso tempo de mancebos é possivel a amizade; encontramos naturezas, que se harmonisãm conosco; espiritos, que se levantãõ á altura dos nossos; corações que palpitãõ no mesmo accordo; entretanto, Mathus, quãõ raras vezes sãmõs comprehendidos:—crês, tu, que Byron fosse esse homem misanthropico, egoista, e malevolo como sãmõ por ahi apresental-o? O poeta que desmaiava, vendo representada por *Kean* uma scena terrivel de Sir Gil-

les Overreach, e derramava lagrimas á Mirra de Alfieri, o homem que amava as crianças lindas e innocentes, tinha ao peito um thesouro de affeições muito bons instinctos á pôr em campo; passou incomprehendido como um livro de magia e o mundo crucificou-o. Bocage tambem morrerá assim:—as turbas entusiastas e delirantes que applaudião freneticas seus admiraveis improvisos, não perceberão a eiva secreta, a substancia corrosiva que lavrava por aquelle ser. A fronte pállida, o rosto lívido e cadaverico do Dante, é viva imagem dessas vocações soberbas, que por ahi passão, como filhas de um outro mundo, almas infelizes lançadas, talvez, na terra em expiação de um facto tremendo. Querias pois que eu me curvasse á essa sociedade mascarada, que escarnece o que há de mais santo, e na crápula surda que a entontece, occulta, em ricos mantos, a lepra que a devóra?

Não, meu amigo, fôra loucura ao pobre naufrago que vê as ondas levantarem-se-lhe sobre a cabeça, ameaçando submergil-o, deixar-se levar pelo destino, e não nadar até á praia. Assim vai a vida, e nem chuva de fogo conseguiria regenerar o mundo.

—Gennesco, entristecem-me tuas palavras; pareces-me sorrir sobre um tumulo, como no festin de Balthazar; terias, acaso, apertado a mão de alguma sombra, como na lenda da noiva allemã? Desconheço-te pelo teu ar de Joung.

—Meu amigo, disse Gennesco, levantando-se, no momento em que entraste eu pensava em um dos factos mais tristes, que tenho visto, em minha vida academica; e a lembrança de um amigo, que perdi, moralisava-me algum tanto. O libertino mais extravagante, ousado e terrivel, que ahi possas figurar, passa por momentos de lucidez, que o habilitão á regeneração.

Don Juan chora lagrimas de sangue á loucura de Haydéa ; Lovelace sente-se enternecido ante a dôr de sua Clarissa ; e Degenais—o pedagogo—dos libertinos—o calvo, que ria-se de tudo, chora ao ouvir seu amigo Octavio.

—São onze horas, disse Mathus levantando-se e lançando um olhar pela janella. A noite vai escuríssima, e nem uma estrella no céo, nuvens carregadas de chuva correm tristes no horisonte, e na terra o proprio grillo emmudeceu no canto. Por Deus ! Eis uma noite Shakesperiana !

Sentárão-se e accendêrão os charutos. Gennesco quebrou o silencio : váis ouvir uma curta, mas terrível historia ; attinge pelo carregar das côres, e character de seus dous herôes, ás sombras de um conto fantastico, é porém pura realidade : e a imaginação de Hoffman não conseguira tornal-a mais dolorosa.

Há, na verdade, factos na vida do homem que excedem os desvarios da mais fêvida imaginação : os crimes, os horrores, as desgraças dos Atridas ou da familia de Pelops nunca fôrão descriptos pelos tragicos em toda sua verdade e encadeamento de horrores.

—Está bem ! disse Mathus, entre uma bafôrada e um balanço de cadeira. Gennesco continuou.—Não te lembras daquella moça, a pobre operaria, ou costureira, que Octavio pôz sob a protecção de Degenais ? Creio que se chamava Cendrillon ; assim a tinham baptisado os dous libertinos em attenção á tristeza de sua vida. Octavio, ao separar-se dessa moça, fêl-a bordar—uma bolsa, que elle pendurou em seu quarto, como reminiscencia do que havia de mais pungente na sua vida de libertino, ou o exemplo do mais triste fragmento das ruinas do mundo.

—Vê, disse Gennesco, mostrando á Mathus uma

trança de compridos cabellos, fina e loira, prêsa por uma fita amareilla e um annel.

—Uma trança? Disse Mathus, apalpando para verificar da realidade; começo á crêr na verdade de tua historia. A fronte de Gennesco descabio, e elle fallou em vóz triste.

—E' uma lenda triste, a que conta essa trança; no amarello da fita: o pranto, o desespero; no esgarçar dos fios, no pallor esvaecido dos longos cabellos—uma emanção do passado, um como vento de maldição, que passou curvando duas cabeças de moços. Hontem—era o céo que surria, o amor que unia duas almas de fogo—hoje o inverno que gela, a nuvem pardacenta, que asphyxia, e separa inimigos dous seres que se amavão. E' um despojo que o naufragio de uns amores atirou á praia. Guardo-o—como se guarda a caveira de um bôbo ou o craneo da donzella, que nos morreu. Gennesco atirou algumas baforadas, concertou-se no leito, e continuou:—vou, pois, contar-te a historia dessa trança, ou antes dos amores de duas creanças:—um tinha 18 annos e ella—Georgina—contava, então, seus quinze.

—Espera! Werther, nos ultimos momentos da vida, com o pé já sobre o tumulo, enviando o derradeiro adeus á sua cara *Loth*—pedia á querida moça—que lhe guardasse, em memoria, o laço de fita rósea, que velava os seios d'ella, no primeiro baile, que fôra para o pobre Werther a primeira pancada da fatalidade!—Sempre a mulher: no berço e no tumulo!—Disse Mathus, dando um murro sobre a meza. Não te espantes, leitor. Mathus era tambem de carne e osso—não era Gargantua, nem —ante-christo.

Era um amigo de Gennesco, seu companheiro de casa, e collega no anno. Tinha 23 annos, era uma

fronte soberba, alma sensível como Aldo—o rimador; sonhador como Gennesco, senão tão ardente, mais obstinado. Sorrir de um anjo nos lábios de Lovelace.

Escuta, leitor, Mathus era adiantado discípulo da escola de Degenais. E' bom moço:—sigamol-o ao Capitulo segundo.

CAPITULO 2.º

Georgina.

(Continuação.)

Blanco es su vestido, ondea—
Suelto el cabello á la espalda,
Hoja tras hoja las flores
Que lleva eu su mano, aranca,

(Espronceda).

Mathus escuta ;—Gennesco falla.

Conheci, ha 3 annos, em S. Paulo um estudante de preparatorios, intelligente, vivo, e audaz. Natureza ardente e sonhadora. Como Alexandre, fôra capaz de queimar um palacio por contentar um capricho de su'amante ou de atirar fogo á uma cidade—por admiral-a ao alto de uma torre, cantando, como Nero, seu esboroamento ao crepitar do incendio. Parece-me que se chamava.... Candido.

Comecei á relacionar-me com elle, á ponto de

adquirir sua amizade, no seu primeiro anno de di-reito. Era um moço—poeta—parece-me que o genio da poesia horrifava-lhe a cabeça de lavas:—nas orgi-as—ninguem punha pé diante d'elle—nos discurs-os, nas pilherias, e nas loucuras mais excentricas—que uma Republica de estudantes possa idear.

Sonhava grande futuro para o Brazil e zurzia, fortemente, sobre os costumes da época; franco, no tratar, altivo como suas montanhas;—era Mineiro.

O genio d'aquella terra de bravos inspirava-lhe temeridade até á insania. No amor—era apaixonado, até á loucura: a fita dos cabellos de uma mulher um surrir de moça erão-lhe um mundo de venturas;—uma fonte de inspiração, que jámais se trahia. Era o meu heróe dessa familia de ardentes, não sei se feliz ou desgraçada,—cujo organismo impressionavel torna-se victima das mulheres, dos tolos, e dos homens.

Vendo passar, pela rua, uma donzella, olhos lan-gues, volupia, nos labios, e cadeiras, bem molda-das,—um abalo electrico corria-lhe os membros, e elle sonhava, sonhava.... até, que ella sumisse, nas ruas tortuosas. Byron e Musset, o diabo e seu aco-lyto, erão seus poetas favoritos—tinha-os á cabecei-ra. como se diz que Alexandre tinha o seu Homero. Em tão boa companhia, sobrecitada sua imaginação, por aquelles dous genios—seu viver era uma agi-tação de febre, ora, tambem, um devanéu—que o fazia parar longas horas—contemplando uma nuvem ou suspirando ante um retrato de moça.

Sua natureza expansiva queria, ár, muito ár, e a atmosphéra, que o cercava, era muito pesada—para a torrente sombria de seus pensamentos.

Tambem seu maior desejo era ir á Italia:—aquella terra de amor—com seus vulcões, cantores gondo-leiros, e mulheres amantes, era o ideal, o transumpto

do que de melhor deu Deus ao homem—neste valle de provanças, dizia elle. Creio, mesmo, que na sêde de viver, que o abrasava, as vagas do Oceano, multiplicadas, e caindo-lhe, gotta por gotta, sobre os labios, não n'ò terião saciado. Sensual, como um padre, orgulhoso como Chatterton; estava para o Champagne—como Musset para o absyntho.

Seu desejo era ter um serralho ou harem, prender as bellezas, vedal-as á todos, e despota da colonia, exclusivo gosador, beber toda seiva, as bagas divinas da femiãil volupia. Amigo devotado, e entusiasta, desembainhára, de sua corôa de myrtos,—o punhal de Aristogiton, para vingar seu Harmodio. Era uma amizade cêga, louca, mas caprichosa :—uão soffreria de seu maior amigo um olhar, por sobre os hombros, um sorriso de desdêm. Orgulhoso, de dignidade e de força, não consentira que se lhe desse ou se lhe tirasse—mais ou menos do que lhe déra a natureza.

Abateria a mão, que se levantasse para arrancar-lhe a corôa da fronte, mas desdenharia curvar-se para apanhar uma maravilha, que se lhe atirasse aos pés. Era um energumeno, um doudo talvez. Nascido sobre os degráus de um throno seria um grande conquistador, cortador de cabeças, amontoador de corpos humanos como Gengis—Kan, ou vegetaria na embriaguez dos perfumes, que alentão os despotas orientaes. Queimar-se-hia, sim, mas como o primeiro Sardanapalo beijando os perfumosos labios de sua escrava favorita.

Seu estudo predilecto fôra a historia; embrenhára-se por esse labyrintho, desempoeirára os archivos, e, de sua viagem pelo passado, conservára, apenas, tres nomes de mulheres : Helena, Heloisa, Stuart; a belleza da destruição, a belleza do ascetismo, e a belleza martyr :—era um doudo !!...

Não era amante da philosophia abstracta ; o encadeamento de systemas, a classificação de escholas, e o halito secco de um raciocinio seguido erão-lhe somniferos ou causavão-lhe defluxões. Elle dizia ser a philosophia uma continuidade de sophismas, e preferira, de bom grado, um trecho de Tasso, uma scena delirante de Schakspeare ou Dante ao mais maciço, succulento e abastecido dos pratos philosophicos. Fugia da theoria abstracta, como se foge de uma maquina pneumatica onde nos espera a mais estúpida das mortes : a morte pela asphyxia.

Tal era Candido na época em que o conheci e travei com elle amizade. Passavamos largas horas juntos, dormiamos n'um só leito, nossa amante era a mesma, liamos no mesmo livro, viviamos em grande intimidade. Estava, portanto, em posição de bem comprehendel-o ; e aposto, tua cabeça contra a do papa, que o conhecia mais do que elle á si proprio ; tambem ninguem se conhece, se assim não fôra, não veriamos por ahi tantos principes idiotas amantes dos divertimentos, e loucos pelos elogios da criadagem. Seu espirito soberbo, era, no entanto, inconsequentemente nivelador, e se muitos, como elle, se conhecessem, em nosso paiz, em vez dos marquezinhos, barões balofos e cheirando á sola de sapatos, teriamos outro regimen estreme de animaes, de costado flexivel, e muito entendidos em cortezi-as.

—E' interessante o teu amigo—disse Matus, surrindo e derramando cognac nos copos.—Partíra, alegre, o pão e o sal com elle. Não hesítara, disse, levando o copo aos labios, tocar meu copo—contra o copo d'elle. Gennesco tambem, beijou o cognac e accendendo novo charuto, continuou :—Um dia, tive saudade de casa e resolvi, partir, pelas férias, á visitar meus pais. Ao retirar-me de S. Paulo quiz

levar meu amigo—o excêntrico—para apresental-o á minha familia. Elle recusou e persistiu em ficar. Nossas cartas cruzávão-se constantemente; uma doença, porém, obrigou-me á ficar em casa mais tempo do que pretendia, e minha ausencia tornou-se mais prolongada. De volta passei muitos dias sem vê-lo, elle não tinha habitação certa, ora aqui, ora ali, ambulava de tenda em tenda como o Beduino. Um dia, porém, oh que bem me recordo; era uma bella tarde de verão, um céu de azul, sem uma só nuvem; o sol na posição languida de deitar-se sobre o horisonte, espalhava sobre a terra a hora triste do crepusculo. Eu lia um poema de Ossian, e encostado á minha janella, sonhava com Malvina.

Reinava, d'entorno, o silencio. O Tuamandatahy corria placido. Um vento ligeiro brincava com as palmeiras, e eu banhava a minha fronte no ar puro da tarde. Ouvi um grande barulho. Alguem entrava pelo portão; eu corri com o livro aberto á indagar quem era; emfim, esbarrei, nariz contra nariz, com o meu amigo!!...

—Oh! oh! oh!, exclamamos simultaneamente, e cahimos nos braços um do outro.

—Como foste de viagem?

—Bem; e tu? Cessaste de escrever-me; pensei que tivesses sido arrebatado por alguma fada?!

—Dize antes por algum Mephistopheles infernal. Respondeu-me elle, cahindo sobre uma cadeira e entregando-se á melancholia profunda. Conhecendo o character de meu amigo deixei-o por algum tempo n'aquelle estado morbido, certo de que uma reacção fal-o-hia, em breve, sahir d'aquelle entorpecimento. Pedi fogo, accendi um charuto, e cercado-o de uma nuvem de fumo puz-me á contemplal-o. Depois de alguma pausa, elle ergueu-se, encarou-me fixo e proseguio :

—Gennesco, vou contar-te minha vida nestes ultimos tempos, e se neste momento, me vês serio, é que a acção poderia arrancar lagrimas, á outrem que não á ti.

—Obrigado, pelo comprimento, disse-lhe eu baforando-o pelo rosto. Seus olhos scintillarão, elle sacudiu os anneis do cabello, que lhe cabião pela fronte, deu uma gargalhada; sentou-se, e limpando o suor, com um finissimo lenço de cambraia, começou: passeava uma tarde deliciosa, pelas margens de um rio, cerebro esqueniado, quatro garrafas de cerveja na cabeça, eu meditava um poema. Levado, nem senti, não sei se pelos pés ou pela cabeça, esbarrei nos fundos de uma casa de mesquinha apparencia; beijavão-na as ondas, em seu correr vagaroso. Eu tinha, entre mãos, a minha carteira, e ahi retractava minhas impressões da tarde, quando, encarando mais a casa, vi brilhar por entre as folhas de uma arvore dous pontos parallelos: pouco vivos para serem diamantes, bastante azues para que um poeta dissesse duas esmeraldas. Abri mais os olhos, e em meio ao arvoredo, descobri umas fórmãs brancas, que semilhavão um corpo humano, e um volume redondo, que passaria bem por uma cabeça. Aproximei-me, e com o olhar altivo de Lovelace, vislumbrei uma donzella que se curvava sobre o rio para apanhar agua. Era hora do crepusculo; seu rosto não me era bem visivel, mas seu corpo era de garbo—e vi-lhe o arredondado das cadeiras, e o loiro dos cabellos que enthusiasmaria até um agiota—o animal mais prosaico, que jámais sahia da argilla.

Naquelle hora em que a poesia abandona as regiões ethereas, e vem, n'um sorriso de Deus, reflectir-se sobre à terra, não ha natureza à não ser a de Satan—irmão geméo do agiota—que se não

sinta no mar das scismas, e no mundo dos poetas os cónos da lua ; aquella mulher á olhar-me fitamente, as oscillações, que sentia minha alma turva, a cerveja que me fazia vêr dous em lugar de um, e confundir um padre com um burro, queimou-me o sangue, e por um movimento irresistivel eu corri para a direcção della. Era tarde. Mal distingui a roupagem esbranquiçada de uma sombra que fugia. Esperei uma, duas, muitas horas à vêr se a fada voltaria à colher flôres como Proserpina, ou à banhar-se como Diana, n'agua fresca do rio.

Embalde ! o sereno frio ía-me varrendo a bebedeira, e com os fumos do bemdito licôr, foi-se enrolada a poesia, e a razão, puxando-me pelas orelhas, embrulhou-me em uma rêde de proposições, inducções e consequencias, que os philosophos chamão raciocinio :—quem era aquella donzella ? Era bonita, era feia ? Era moça ou velha ? Cazada ou solteira ? Talvez nenhuma dessas cousas. Quem sabe não era ella, simples visão do ébrio ? Não te admires, Gennesco, uma noute eu tomei-me por um sultão, e juraria que erão gozadas Odaliscas— as diferentes garrafas—que viera de vasar.

Minha curiosidade estava em campo, e apezar de afirmar-se que a mulher é a alimaria em essencia—curiosa, não é menos certo que o homem contenha em si bôa dôse do tal globulo, de nenhum modo, homœopathica. Uma vez, no caminho das supposições, cheguei mesmo à crêr—que era ella alguma Naiade que alli apparecêra tomando o fresco à margem de seu palacio de crystal ; ou talvez... mas não, sereia não era :—por que não ouvi canto e tinha ao inverso dos companheiros de Ulysses os ouvidos bem abertos, sem cónos, ou compridas orelhas que os ajudassem, é verdade ; e a não ser um zumzum ou zamzam, e o miar de um

gato de uma velha d'aquelles contornos, não sei que ouvisse musica ou canto. Sabes o meu genio extravagante ; meu estomago estava cheio, minha cabeça apenas pesada, e o meu corpo pendia para terra seguindo a lei natural da gravitação.

Eu não estava na maré das rebeldias ; estendi-me sob a arvore, e preparei-me para namorar as estrellas, e beber puro orvalho do céu. Passarão algumas nuvens carregadas de agua, e por divertimento vasarão-me alguns pingos sobre a ponta do nariz. Depois era o rio que cantava seu hymno ao creador, arvores que estalavão, folhas que sussurravão, e a lua que mostrava a face amarellada por entre as brumas mescladas de negrume. Pareceu-me, então, a lua o rosto enrugado de uma velha ratona que, em dia de inverno, toma uma carapuça ou touca para esquentar.

Não gosto de velhas ; de moças como um velho sensual ou cirurgião, filho da rapina, socio do gigante Caco, e caixeiro do deus Mercurio.

A filha da noite, com sua face desbotada, e olhar de protectora de amores, surria, e namorava-me ; mas eu tomava seus sorrisos por caretas como as sabe tambem fazer um estudante de cólicas ou um bôbo do paço. Já eu improvisava tremenda descompustura em verso heroico contra a maldicta velha....

—Olá, Gennesco, não te rias do que digo, disse Candido interrompendo-se e fitando-me com uma seriedade comica, fazer um poema à lua em noite de inverno, ou, n'outros termos, á uma velha rabujenta, é cousa tão licita como compôr-se um epithamio, um soneto natalicio saudando o nascimento de mais algum velhaco.... digo isto,—aqui elle abriu um parenthesis.... acompanhando Hamleto—o louco, e por tanto o mais sensato de nós todos, que dizia :

«nós todos sômos tratantes ;» ou fazer quadrinhas para solemnisar o anniversario de algum principe : —a base é sempre nulla, o thema esteril e ridiculo ; por tanto nada com mais nada somma nada, como dizia Fr. Gregorio—o frade mais ratoneiro que, em minha vida, conheci.

Desde Annibal Carò, celebrando o nariz em bellas rimas, e em seu enthusiasmo de rimador chegando á abençoar tudo quanto o nariz cheirava, até o religioso poema Ahasverus, cantando-o Cosmos em todo seu composto, o poeta teve sempre a liberdade de cantar o que e quem muito bem quizer.

Já a primeira nota sabia-me da cabeça, e o parto não fôra doloroso, e a parteira, a lingua, preparava-se á receber o fêto quando fui atacado pela cabeça, e Morpheu subjugou-me como se diz, tambem, que S. Miguel subjugou Satan e o lançou no inferno ; eu porém fui mais feliz, e subi para o céo, vaporoso, como a pocira levantada pelas tropas, e na suavidade de um—*Te Deum laudamus*—cantado por um frade rouco, e por bem da ordem, fanhoso. Sonhei... não, não te contarei esse episodio, direi apenas que estava em meio de muitas moças bonitas, que me beijavão como seu Menino Deus, alguma cousa que simelha um ai-Jesu, e me apalpavão como costumão apalpar o colxão por verificar de sua maciesa. No melhor do gosto senti um frescor agradavel passar-me pela testa, os meus sentidos se despertárão, e eu abri os olhos passando a mão pela fronte.

Advinha o que encontrei, e far-te-hei um soneto ? ! —Alguma redoma de alabastro que mão caridosa te quebrou na cabeça ; talvez gotta de orvalho tomhada dos labios de alguma nympha, ou Walkyrie, adormida nas nuvens ; ambrosia, sem duvida.

Perdêste, carissimo, disse elle continuando, era

óleo, nardo ou myrrha, que uma gallinha, que dormira na arvore, me coára de uma parte pouco aristocratica, mas todavia lugar por onde sahem os óvos muito apreciaveis bem duros, e para comer-se com arroz, bebendo chá por cima.

Estava sagrado poeta; esfreguei os olhos, enchuguei como pôde o presente da donzella, digo donzella, porque não sei se ella era virgem, ou não. Podia ser gallinha ou franga.

A aurora mostrava uma linda face n'aquelle momento, e surria como devem sorrir no paraizo as houris (o nosso não n'as tem, recorro pois aos musulmanos). A' fé que desejei ter azas, e poder chegar à beijar-lhe os labios; nuvens cõr de rosa orlavão todo o horizonte, em quanto os peixes saltavão á tona d'agua, e o boi ruminava na seriedade do representante da nação. As aves cantavão, e um sabiá poisado no tronco de uma arvore secca descantava trinos que farião rebentar de inveja uma cantôra Italiana; era a vida sobre a morte, o sorriso sobre a tristeza, ou um herdeiro em orgia sobre a mesa de seu defuncto avô... tal era o sabiá e o tronco.

Um gallo abriu a guella um pouco ao longe, e na realeza do terreiro, (realeza que vale bem qualquer outra) saudou os clarões de uma bella manhã. Um som de pisar furtivo, como o do gamo indo beber á margem do regato nas florestas de Minas, ou como o de um gato que corcovêa para saltar sobre os ratos, (note-se que não me refiro aos ratos da Alfandega, do dinheiro dos estudantes, ou às graves ratazanas do Estado), passou-me pelas orelhas. Prestei ouvidos como faria astuto caçador de veado, ou mulher curiosa, sobre tudo se se trata de uma conversação crapulosa, e algum tanto livre, e vi, e esfreguei os olhos, e tornei à vêr....

—Quem? maldicto?!

—A minha fada, o meu sylpho, o meu demonio do dia antecedente.

Era uma moça loira, olhos azues, cabellos castanhos, e uma cruz preta pendente de uma fita sobre o peito. Teria, ao muito, seus 15 annos; saltavao-lhe os seios do branco e fluctuante roupão como dous bagos de uva branca. Seus olhos azues scintillavão como a espuma do champagne vista ao clarão de um cyrio; erão, os labios della, vermelhos, como dous tentos de jogo, e humidos, como um sobretudo passado da chuva. Ella tinha uma cõr esbranquiçada, irmã de uma laranja branca, e mostrava pertencer á essa familia de mulheres ardentes que luctão contra o homem, levão-n'o de vencida, e riem-se da sua impotencia. Vinha no desalinho da manhã:—solto o roupão, os cabellos cahidos pelos hombros, e o pézinho nú, descansando fresco sobre uma chinelinha. O labio superior arrebitado, como quem olha desdenhosa uma cousa que se lhe mostra, provava que a malícia tinha por habitação aquella alma, e apezar de ser do genero feminino vivia em boa intimidade com a proprietaria. Olhei-a por algum tempo sem mostrar-me, eu a vi atirar os petalos de uma rosa sobre a onda, e seguil-os com os olhos no correr do rio. Erão os sonhos da moça, seus sentimentos de amor que o rio arrebatava.

Era ella o algôz de seus proprios desejos.

No emtanto, eu que passára a noute ao relento, suspirando ás fórmãs bizarras das brumas, e gastára meu precioso tempo—á esperal-a, não podia, em nome da economia do amor, conservar-me quèdo:

« Il tempo passa e non ritorna á noi e non vale il pentirsene di poi »....

Dei um passo... ella voltou-se; embisquei-a, e duas rosas cubrirão-lhe as faces pallidas; mas não

fugiu ; correu a nivea mão pelo roupão, e, occultando os dous pòmos do peccado, voltou-me as costas, disfarçando-se com o rio. O paganismo falla de Leda e o cysne, á margem de um lago, em tarde poetica.... enfim chamei em meu auxilio minha eloquencia mais persuasiva :—saudei-a—ella surriu-se e saudou-me, tambem.

Hercules, derribando o leão que guardava os famosos pòmos das Hesperides, roubou-os, colheu-os ; lembrei-me do filho de Jupiter—o travesso ;—e corri sobre ella ; um pequeno grito, benevolmente suffocado foi toda resistencia ; beijei-lhe a mão, depois tomei-a nos meus braços, e em protesto apaixonado pintei-lhe um quadro de amor digno, sem duvida, de figurar, como ornamento, no quarto de de alguma—madre-abbadessa sensual.

Ella ouvia e cria, e eu.... eu pouco me importava com o que promettia.... momentos depois eramos velhos conhecidos, haviamos entrado juntos em campanha, e apertava-mos as mãos—como dous bravos. Ella me disse que se chamava Georgina ; morava com sua irmã n'aquella cazinha ; pai não tinha e só em vida uma mãe—que morava para fóra. Apertei-a, convulso, o craneo ardia, tudo era vertigem ; desafio Romeu—o pallido, com suas fallas ao luar, seu jardim de Capulêto, ou blandicias tremidas, ao cantar presago da cotovia, para imitar-me nas confissões palpitantes de um amor eterno, immenso, ardente, estremecido e louco que papagueei—n'aquella manhã.... A moça tremia, seu corpo vergava, e suas loiras tranças me cahião pelo hombro. Seus labios erão fogo, suas faces queimavão, erão—os olhos desvairados ; as palpebras cerrárão-se pesadas pela febre do desejo ; e seus seios arfavão como dous moços estafados da lucta. Tremeu-lhe nos labios um suspiro. Eu concheguei-a ao coração,

que batia forte como o duro malho de um ferreiro. Era uma fogosa moça, era linda então, e suspirava—como um frade namorado !

—Aqui, atalhou Gennesco, Candido tirou repetidas baforadas de seu charuto, e pediu-me *cognac* ; eu gritei pelo moleque, e dei-lhe *cognac*. Elle vasou um copasio ; como eu agora faço, notou Gennesco, sorrindo-se para Mathus. Depois continuou—com seus olhos scintillantes e dizer apressado.

—Eu a apertava ainda em meus braços, perdida e louca, o roupão aberto, os seios descubertos ; poisada sobre meus joelhos, chorosa de prazer, palpitante de gôzo, e crente—como tímida creança, quando um beijo do sol despertou-a, e interrompeu-me ; arrancando-me áquelle delirio dos sentidos. Ergui-me—lesto e prompto—como obediente soldado á voz do commandante, e com toda fleugma sacudi meus vestidos empoados. Ella ergueu-se tambem, e com a voz intima de su'alma me fallou assim : «—agora o senhor que disse amar-me tanto, que por mim só vive ; que não estuda, não é feliz se me não vê, não abusará, por certo, de minha imprudencia de moça. O Sr. é estudante, é moço delicado ; sabe que comprometteu meu futuro de creança, minha esperanza de donzella, e honra de minha familia, não me hade abandonar. Eu, disse, a pobrezinha, beijando sua cruz preta, juro-lhe, ser sua, tão sómente sua. »

—E tu, malvado, o que respondeste ?

—Ora o que querias que eu fizesse. Apanhei á sangue frio a metralhada de tão bons desejos ; descubríra, para meu mal, e da moral publica, que ella não era bonita. Tinha olhos de gata pesteadas e os dentes mais terriveis que por ahí possa ter a boquinha de uma mulher. Bebido o licôr, foi então que reconheci que o vaso era de um barro

vil ; meu coração estava frio e mudo—como um copo vazio. Foi um jogo de vertigem—onde só a cabeça, e os sentidos havião parado.

Ella deu-me ardente beijo. Pendeu-se como a flôr roixa do pantano, prometeu ser minha, minha, só minha, e apontou-me a margem do rio, como o lugar de futuras entrevistas. Pobre creança ! Bofé—que fôra de bom comico ; suppunha que o coração do homem era semelhante á uma linda boneca. Douda !—acreditava que se podia tomar um amante, curval-o á seus caprichos—como se toma um vestido, e troca-se, sorrindo, as flôres dos cabellos. Ah ! Ah ! Ah ! Ah ! Elle ria-se como devêra rir Satan vendo cahir no inferno seus irmãos de infortunio. Depois de algum silencio elle continuou :—Vendo-a apertar-me em seus braços tive vontade de atiral-a ao rio—porque a visse como a Ophelia, com a roupagem tão alva, boiar sobre as ondas. Despedi-me d'ella ; tudo promettendo, disposto á nada cumprir. Era ella, todavia, uma creança ; um fructo tenro que se podia chupar mais vezes. Resolvi conserval-a, como se conserva um traste novo :—um chapéo, uma calça balão, ou uma delicada botina á Miliès.

—Foste cruel. Abuzaste da boa fé da creança. Lobo devoraste a ovelha que se desgarrára. E dizes que fôras capaz de tomar um raio ao sol para aureola de tu'amante !.....

—Ah, ah, ah, ah,—. És louco—como um Platão. Tens teus ares de padre-mestre. A' fé—que uma sotaina, ou estamenha cahir-te-ia aos hombros—ao geito da fimbria apanhada de uma chlamyde á grêga. Mette-te frade, meu bom amigo ; além de comer bons óvos, jurar pela tremenda, e namorar tua madona, terás lindas ovelhas á moralizar. Candeido levantou-se, caminhou pelo quarto ; encostou-

se, á porta, e contemplou-me por algum tempo. Eu o aborrecia, e o meu enfado era bem sensível. Elle tornou á sentar-se, deu um pesado murro na frente, atirou o charuto e fallou-me com a voz firme.

CAPITULO 3.º

Uma hespanholada.

—Gennesco, eu enlouquecêra. Desceria aos infernos á buscar uma perola á minh'amante. Seria seu escravo, contentar-lhe-ia todos os caprichos, sonhos de moça, desejos de donzella, e parvoices de velha; seria um cão, um dixe em suas mãos; mas era preciso que eu amasse; que no meu peito sua imagem vivesse á sorrir-me. Conheço-me capaz do papel de bandido, pirata, e jogador tudo —menos apostata—por agradar á mulher que me inspire paixão.

Oh, tudo por meu ideal; se ella fôra o sonho querido de minhas noutes ardentes, linda visão dos céus, anjo de Deus á brincar com os meus cabellos nas horas mortas do marasmo—sim tudo por ella, minha vida, minha crença, meu lugar no infinito. Eu não a amára; fôra ella propria á esfolhar sua grinalda de virgem; nada mais ella fizêra que ceder á seu sonho de mulher. N'aquella occasião terias feito o que eu fiz; e á não ser Diogenes—o cynico, ou irmão de Apemanto, não sei quem desdenhe a joia que encontrou.

Querias acaso que D. Juan deixasse em virginea tranquillidade o corpo soberbo de Haydéa—a grenga? Desejâras que Xavier atirasse de si a bella Hermenegilda, ébria de gozo, desvairada de luxuria, á cahir-lhe nos braços?

Puerilidades ! Jámais acreditei nos contos extravagantes com que nos embalaõ os supersticiosos biographos do—*Flos sanctorum*. S. Antonio foi um parvo, e S. Francisco um impotente.

Em phylosophia organica sempre preferi a materia á fórma. Gozei-a ; accusa o vento por que abate a grimpa do campanario de Deus.

Mais um cópo de *cognac* ; novo charuto, e Candido continuou :

Verás, no emtanto, que aquella mulher é o meu anjo máu ; lançou uma nodoa em meu passado, e deitou-me ás côstas um madeiro pesado. Não morreu ainda em meu peito—a fonte dos bons sentimentos, que Deus ahí abriu ; ha muita vida, muito bom grão—que possa fructificar. Mas aquella mulher envenenou-me a vida ; ella tinha uma lepra, que seu roupão velava.

Não te lembras da lenda de Wisperthal, tão sombriamente cantada por aquelle sceptico de bom gosto —o espirituoso Heine ? Exactamente. A commoção, o champagne, e a excentricidade de meu estado intellectual, pregárão-me uma pêta dos diabos. Tomar um anjo n'um demonio, Dorothea por Miranda, a innocencia n'um ser de lama ; confundir Méphisto com o Papa, e buscar belleza n'uns olhos de gata ! !...

—Eu admiro, ajuntei, a facilidade da conquista.

—Nada mais verosimil ; nunca me julguei tão merecedor da toga de Cezar. *Veni, vidi, vici*. Vi Georgina, embisquei-a, e ganhei victoria.

Escuta. Todas são assim. Na época de effervescencia, quando seu organismo inflammavel arde sob sensações desconhecidas, olhos no céu, contemplando a lua, ha um vago, um lugar á seu lado, que a imaginação feminil tende á fazer occupar pelo homem. D'ahi vem o debater no leito, nas

longas noutes á sós, em quanto as palpebras ardem, e o coração palpita. St. Thereza desmaia, e a freira rasga o burel grosseiro, trocando o Christo—pelo romance palpitante de lubricidade.

Ha na vida desse sexo fragil e potente, orgulhoso e humilde, nobre e vil, devotado e vaidoso, um escolho terrivel uma prova perigosa, que só nos romances—onde os poetas mentem, deixão—incolume a virtude :—esse escolho—os phylologos do prazer chamarão «ocasião». Quantas Vêstas não se tem tornado Cypriotas !... Lucrecia, nova edição de Penelope, nem sempre deixa de quebrar o granito no embate dessa onda do acaso. Por isso, um poeta famoso appellidou-a «uma deusa, oriunda dos amores de Thétis e Protheu.» Não quero mais exemplificar.

Lisongea as mulheres, falla á sua imaginação, sê um santo, ou um demonio—e têt-as-has á teus pés. Não ha homem sem cruz, não ha cruz sem mulher. Georgina se suicidára, eis tudo.

Aquelle que caminha á beira do abysmo, e ou ve no fundo o chocalhar da torrente, cuspiendo espumosa sobre o penêdo, sabe que basta um passo—para abraçar a morte. No emtanto, uma vertigem inexplicavel, uma fascinação phantastica, um gesto satanico, talvez saudação da Nayade, o arrasta, muita vez, na quéda—cavando-lhe um leito de pedras na escuridão das aguas. O rosto da minh'amante se trocára por uma mascara ; e a lembrança d'ella me fazia mal. Eu déra o abraço em um cadaver. Não era mais a criança que se curvava sorrindo á beira do regato saúdando innocente su'imagem infantil ; não era mais a madona de um nicho—como os ha tanto pela Italia. Era a furia da hyena, a tempestade das paixões, que caracterisão a Asia, e fazem brilhar agudo punhal ás mãos de Gulnare. Era um

traidor Upas—aquella mulher, descancei-me, um momento, á sua sombra e sahi para sempre envenenado.

—E ella, Georgina?

—Não me lembrára mais della. Quem se lembra de um cão, que viu, de um mau licôr que bebeu, ou de uma feia mulher que encontrou?—Quando o vicio levantou seus templos, e mil altares queimão offerendas ao deus Pan, quem se recorda da moça que não ama?

Minha natureza altiva, meu desdem para sêres despídos de sentimentos, que se elevem á altura dos meus, destaca-me para sempre desses sêres mirrados, vindos ao mundo em dia de carnaval marcados *ad eternum*, e fadados ao papel burlesco de cão gôzo, que só vive abrigado ao calôr da *saia-balão*.

Degenerescencias de homens, excrescencia pallida, incapazes do pensamento, perdidos nos sonhos de bôa meza, enthusiasmando-se ridiculamente ante o sorriso de qualquer farpella, taes sêres, por uma metempsychose singular, tem no corpo lascivo o espirito de um porco, ou a alma de algum abbade de convento.

—E Georgina, e Georgina?

—Em meio de meus pagodes, sonhos de poeta, e trabalhos de aula, nenhum tempo eu tinha para lançar um olhar ao passado. Esqueci-me d'ella.

—Morreu?—Interroguei-o, mais curioso da continuação de tanta loucura. Elle meditou, por momentos, e disse-me em tom arrebatado.

—Espera. Um dia, e aqui continúa o meu pesadêlo de sangue; eu estava em casa. Erão dez horas da noute. Encostado ao sophá, eu baforava um charuto, viajando o Oriente montado nas aventuras do dia. Estava aberta a porta de meu quarto; e um graniso açoitava fortemente as vidraças. Tudo

era triste, até o charuto esturrava. Não gosto de estar triste; se fôra Byron ou Alfieri—galopára; mas na impossibilidade de imitar dous grandes poetas, acerquei-me da meza. Tomei a penna, e comecei á politicar. Ergui um estrado sanguinolento, forcei-o de preto, e fiz comparecer os apostatas do dia. Sois Ischariotas—, como no Christo, venderieis o divino mestre; sois como o infame Escossez—trocarieis vosso rei por algumas mil libras sterlinas, Antalcidas, entregarieis vossa patria por uma pensão de Satrapa; para vós não ha idéa, não ha pendão, ouro, posição, galões e fitas—eis o supra-summum; —o supremo postulado de vossas metamorphoses constantes. Apostatas, liberaes ou conservadores, sois perigosos como transfugas; semelhantes aos visionarios sombrios de vosso inimigo o Dante trazeis as cabeças nas mãos, como lanternas—furta-fôgo, porque no lugar do pescoço—só tendes uma chapa de ouro—representando a effigie sagrada de um rei, de um papa, ou cardeal. Sois.... aqui fui interrompido por um suspiro, suffocado por um soluço. E' o vento, disse eu, que vem conversando com o cemiterio. Sois maldictos e sê-lo-heis eternamente como a estatua de Perinet-Leclerc—o renegado, que.... novo suspiro bateu-me ao ouvido. Pensei na sombra de Perinet. Deitei o *cognac* em um copo, e como—o nigromante, esquentei-o ao clarão da véla, esconjurando do phantasma. Caminhei para á porta, a chuva ía mais forte, e pegando da chave pretendi fechar-a.... um murro no estomago levou-me de recúo, tomei o castiçal, e allumiei o meu antagonista. Surgio diante de mim um vulto negro, envolto em mantilha escura; eu permaneci boqui-aberto, sonhando sempre com Leclerc.—Elle deu um passo e fitou-me; os defuntos não olhão, pensei, e vendo uma capa molhada de chuva, umas botinas sujas

de lama, entendi, que na aristocracia do sepulchro—os mortos não devem andar a pé, á deshoras, muito menos o cidadão Leclerc—que foi um heróe da pagina mais infame da historia da França. Mais seguro do terreno cheguei-lhe a véla ao rosto.... e recuei assombrado diante do olhar terrível de Georgina. Era ella, ou sua sombra? O *cognac* me tornava tudo—phantastico.—Quem és, gritei, sombra, sylpho, demonio, ou mulher, vens do céo, ou do inferno? !...

CAPITULO 4.º

Continúa a hespanholada.

A' fé, meu Gennesco, que estremei—Georgina atirou de lado a mantilha, passada pela chuva, saccudio os desgrenhados cabellos, ao modo das Hespanholas, e encarou-me—com a raiva de mulher. Ella cruzou os braços e estacou diante de mim. Neste momento a luz tremeu, o chão clareou-se, e um trovão terrível vomitou tremendo raio—que cahio no cemiterio. Erão duas terriveis tempestades :—a natureza, e a mulher; fôra bem difficil afirmar : qual era a mais medonha.

Esperando o desfecho do drama, eu cheguei para a porta, tirei a chave, após fechal-a, e sentei-me na cadeira de balanço. Ella vio-me fazer tudo isto sem uma palavra, um só gesto. Eu quebrei o silencio :—

—A que vens, minha bella, disse-lhe eu, sorrindo e afagando a cabeça de um cão de gesso, que tinha sobre a meza. A hora não é das mais adequadas para uma visita. Não se entra em casa de um moço sem annunciar-se. A mulher, que penetra á sós, em uma republica de estudantes expõe-se á martyrio bem triste.... corre os riscos de um.... etc., etc., etc....

Um sorriso de odio contrahio-lhe as feições; seus dentinhos rangêrão, e com a voz guttural—ella atirou-me ás faces—uma carga de chumbo :—miseravel, disse ella acenando-me, miseravel !...

Ergui-me de chôfre. Estendi a mão; já desembainhava meu punhal... era, no emtanto, simples voz do instincto, um arrojo espontaneo :—movimento animal, que a razão não pudêra domar. Rí-me e sentei-me. Estava certo que a tempestade não podia durar muito; e uma vez que não fôra assassinado por ella, dispuz-me á assistir á representação de uma tragedia á Shakspeare. Ella arquejou; «—Candido, Candido, disse suspirando.—O que é? Respondi-lhe accendendo meu charuto.—Um diluvio de lagrimas banhou-lhe o rôsto alaranjado. Era a tormenta que fugia, e se quebrava em chuva. Ella sentou-se no sophá, e começou uma lenda amorosa, que, nascida de su'alma, m'enlevaria, talvez.

—Não posso viver sem ti. Só penso que sou tua. Nós meus trabalhos do dia, minha canção te procura; e á noute só tenho um sonho—é tua presença. Meu coração está em teu peito, minh'alma captiva; e minha oração é teu nome. Candido, Candido, piedade, compaixão....

Os suspiros prorompião: as lagrimas saltavão de improviso; e suas mãos se estendião, para mim. Pobre criança! Tive pena d'ella.

Não era facil a minha posição. Uma voz interna, porventura, o meu bom anjo, dizia-me que aquella mulher mentia, e que sua paixão era phantastica. Tão criança, e já tão falsa, não era logico.

O *cognac* persuadia-me qu'ella me amava. Uma nuvem passou-me pelos olhos, um calafrio fez jogar-me os membros, e, entre uma baforada e um sorriso apertei-lhe a cintura.

Não sem examinar-lhe as ligas e o cinto á vêr

se, como á Hespanhola, não havia por ahi um punhal de Toledo ou frasco de veneno.

—Oh, oh, oh, oh,...

—Não te espantes—a Paulista não é tão apparelhada, como suppões. A Brazileira, que sente ás véras—tem na occasião o sombrio da Ingleza, o obstinado da allemã, o veneno da Italiana e o estyete da Hespanhola.

Por Deus! fui um animal prudente.

Face contra face, meus labios nos labios d'ella, eu ouvia os queixumes d'aquell'alma de fogo. Os suspiros tão ternos, o ambiente de volúpia, o escaldar dos beijos, tantos protestos de amor, tantos threnos de saudade, a chronica ardente de um passado de soffrêres... pelo inferno, derretêrão a neve de meu peito, e uma lagrima, não sei se de amor ou compaixão, saltou-me das palpebras. Eu chorei. Candido engulio n'um cópo de cognac—uma lagrima—que lhe viéra. Já estava ébrio, e dava murros á Ingleza em cada tópico da narração. Eu o contemplava. Elle continuou. Inda me lembro dessa noute, *cognac* e charutos, volúpia e lagrimas—tenho saudades!

—Inda bem que tu crês-te, lhe tornei.

—Engano. Quem, meu amigo Gennesco, póde dizer:—«eu creio,» sim o amigo Werther nol-o disse «tudo róla com a rapidez do relampago.» O que eu tinha era sêde, os sentidos queimavão, e meu organismo gritava. A sombra de Degenais me appareceu pela noute clara dos cabellos d'ella, e riu-se «dizendo.» Que importa que a mulher ame? —Ha uma cousa que ella não perdôa:—«é não ser acceita, quando se entrega. Se te ella amar uma hora, uma noute, um minuto—aproveita, nem sempre sômos amados.»

Passsei uma noute deliciosa. Acordei-me aos pri-

meiros raios do dia, que me espiavão pelos vidros da janella.

Georgina partio, risonha e alegre, despedindo-se muitas vezes, chorando sempre e cheia de felicidade, promettendo voltar.

Não pude evitar as gargalhadas, lembrando da Opera—buffa—que eu e ella representamos; em noite de tormenta, ao frouxo estalar de uma véla, que queimava o *cognac*. Este episodio passára bem pelo nome de *cognac* e charutos. Eu serei baptisado pelos bas-bleus da época, que, *ex-cathedra* dogmatisando, n'um fôfo paradoxo—chamar-me-hão caricatura byronica. Dê-me Satan o inferno, que o céu pertence *ex-jure* aos galhoupitos *litterateurs*.

CAPITULO 5.º

A tunica de Nessus.

D'ahi em diante, notei eu, amaste Georgina?

—Pelo inferno que sim. Escuta:—eu não podia acreditar n'aquella mulher, tão volúvel e ardente, passando com a rapidez do capricho, do riso ás lagrimas, da tristeza ao gôzo, e do odio ao amor. Era capaz de tudo, e uma só noute me dêra conhecimento do genio feróz e tigrino—que animava suas acções. A scena do sôcco—m'o provava.

No emtanto, em mim havia dous homens bem distinctos; dous elementos em luta, meu anjo bom debatendo-se, em duello de morte, com o máu principio. Eu não desconhecia o amor de Georgina; não a amava, é verdade, mas qual era sua culpa, se su'alma não se alteava até á minha? Não se curvava seu corpo aos meus desejos? Que me importava um amor exclusivo! ?..

Até, então, ninguém fallára ainda de sua vida, e o mundo não tomára, também, a liberdade, de escrever o nome d'ella—no código das prostitutas. Demais, eu ria-me dos amores do mundo—para que tivesse direito á exigir a exclusão no amôr. Meu mestre Byron ensinára-me que os juramentos da mulher erão escriptos sobre a arêa; e, máu grado—o apothegma, a Guiccioli o amava com delirio.

No emtanto, minh'alma de poeta, meu coração de moço, accessivel á todo bom sentimento, inspiravão-me compaixão para com ella. Embora, um presentimento me dissesse, que cêdo me arrependêra, recebi-a muitas noites em meu quarto. Pouco á pouco, me afiz á aquelle viver agitado, ardente e sensual;—longas noites eu passava ao lado d'ella, ébrio de crápula, respirando seu hálito de philtro. Eu que começára por odial-a, que tão duramente a repellíra, não podia, agora, dormir sem ella.

Dava ponto nas aulas; indispunha os companheiros e me ria do mundo. Meus poétas resomnavão sobre a meza, meus exercicios litterarios havião cessado; e poetisando eu passava os dias em santo ocio, encarando as nuvens e pensando em Georgina.

—Fêre com o ferro, e morrerás pelo ferro, disse o filho de Deus.

—Sim, Gennesco, eu estava punido; os adeuses d'aquella mulher fôrão como a tunica de Nessus, deixárão em meu corpo—um veneno:—o amor pagão, o instincto do gôzo, o spasma da luxuria. Meu genio altivo, minhas inspirações varias,—tantos planos de vida, jazião-lhe aos pés—como flôres murchas. Ás vezes eu me arrancava áquelle delirio, sentia em mim forças novas, e tentava fugir.... louco intento, baldado esforço.... um impulso tal

só servia para mais fundo escavar o meu carcere. Ella mostrava amar-me sempre ; erão sorrisos, beijos, e cantos que a embalavão em meus braços. Com a fronte nos seios d'ella, namorando a lua, nascendo risonha, em frente á meu quarto, seguindo-a no ondular de languidez, em sonhos magos, em scisma perdida, eu esquecia meus deveres. Meus amigos não comprehendião meu gesto sombrio, minha attitude reservada, e o ar de libertinagem que eu affectava, então. Por evitar interrogações, commentarios, e pilherias, eu os acompanhava ainda nas prosas, nos passeios, e ceias de orgia. Mas meus labios erão mudos, meu cerebro esteril, e meu canto unico :—« Georgina » Em meio das luzes, que tremião, das flôres que perfumavão, dos risos que brotavão ; entre os moços que s'embriagavão, discursavão, ou poetisavão ; no estourar das garrafas, vozear de loucos, pilheriar frequente, e folgares tantos—eu só via uma imagem, uma sombra de donzella, uma visão de mulher, que me passava—em risos. No fundo dos cópos, no angulo das salas apenas me surgia—uma lembrança :—era Georgina ; outras vezes—quando o coração batia, dôce melancolia me corria n'alma ; com o cerebro em fogo, labios palpitantes, eu afinava a lyra, surria e cantava ; nem riso, nem canto, meu suspiro—era inda Georgina :—só ella, espirito de minhas noutes, pensamento de meu dia—élo talvez, unico, que me prendesse á terra.

Que delirio, meu Deus, que viver phantastico e infeliz !...

Disse Candido, suspirando e correndo a mão pelos cabellos.

Quando á noute eu deixava meus amigos ;—no bilhar, em casa, ou no theatro ; volvendo só e tristonho uma força irresistivel me levava á casa d'ella ;

e, nas estrellas do céo, nos ventos da terra, ou nos sons perdidos de alguma serenata longinqua—só ella—eu via ; o fôgo que me queimava, a febre que me consumia, meu sangue envenenado só tinhão um allivio :—era quando eu descançava meus labios ardentes nos labios d'ella.

Candido rio-se, e seu riso era medonho. Elle proseguio.

Dormí longas noutes, mezes muitos sob a impressão d'aquella mulher ; longo fôra meu pezadêlo, a fascinação de meu espirito. Um dia acordei, esfreguei os olhos, e senti-me outro homem. Em meu coração—os sentimentos havião fugido, de meu cerebro toda memoria de amôr ; laivos de nauseas me salpicavão os labios, e relendo o livro do meu passado, achei todas as paginas brancas, e escripta, em longos caracteres—uma palavra só :—o « tédio » !...

O tédio, o tédio, eis a nota horrivel, que vinha, partida do céo, arrancar-me á aquelle horrivel pezadêlo. Dôres e risos, esperança e pranto !...

Meu corpo não queria mais seu corpo, meus labios fugião dos labios d'ella, o meu coração esfriava ao contacto de seu coração. Estava quebrado o encanto ; eu conseguira escapar ao canto da serêa. Saudei a nova luz que me guiava, meu dia de libertação em estridentes gargalhadas. Veio a reacção. Um incommodo inexplicavel, um máu estar indizivel, me atacava o sêr, á vista d'aquella mulher. Eu a achava feia, pállida e fria. Lembrando-me de seu genio audaz, e seus instinctos de hyena, minha imaginação a pintava—como horrenda fúria. Uma noute eu tomei-lhe o pé, á vêr se era de cabra, ou de bóde. Tive medo de Satan.

Era muito, ergui-me um dia, e mostrei-lhe a porta. Que lagrimas, que suspiros, que ameaças....

tudo isto me enfastiava ;—puz-la no andar da rua. O côrvo se saciára de cadaver.

Aquelles amôres occultos, aventuras da noute, e beijos ardentes tínhão sido encantadores—para que ella, em breve, os esquecesse. Seus labios queimados pelo fogo dos meus ; e mais, ainda o ardor dos sentidos d'ella ; lembravão-lhe notas perdidas em um passado de delicias. Ella não pôde esquecer-as, e vinha pela noute bater á porta de meu quarto.

Fiz-me duro—como o penedo, e deixei a onda de seus suspiros quebrar-se-me aos pés—sem um só ai, sequer, um voto de consolação.

Quantas vezes não vinha—ella—bater á porta, chorar, e chamar-me pelo nome :... Candido, Candido.... depois tudo tornava-se quêdo. Ella dormia. Um pezadêlo constante era seu somno de toda a noute. Eu surprehendia meu nome, sempre suspirado por ella, no debater da insomnia.

Uma noite—a derradeira—o pranto foi mais frequente, o debater mais lugubre ; ella sahio, eu ouvi seus passos—como os de uma sombra ; tocárão de leve pelo chão, e desapparecêrão. Pela manhã, ao abrir a porta, deparei com um pequeno embrulho, tomei-o, e achei.... Candido parou, procurou no fundo da carteira, e sacou d'entre os charutos—essa—trança de cabellos—que ahi vês naquella caixinha.

—Vê, Gennesco, disse-me elle, foi o seu ultimo adeus—a offerenda profanada—deixada no altar do infortunio ; pobre Georgina. Candido não quiz continuar. Bebeu ainda ; e calou-se por algum tempo.

Estava êbrio, ou succumbia á lembrança d'ella ?

CAPITULO 7.º

A tasca do lobishomem.

Candido continuou, após algum tempo de scisma. Seu olhar éra vivissimo, e as palavras tinham fogo.

—Livre da prisão, fiz como os passaros—cantei. Enamorei-me de uma linda Paulista, que com seu olhar de Espanhola, e ademan de princeza fez-me esquecer Georgiãa.

Acordei a lyra ao vento de outra inspiração, e sonhei muito amor. Quanto á Georgina não sei que destino a levára.

Voltei-me de novo aos prazeres, frequentei meus amigos, e beijei a face de muitas mulheres. Nos bilhares, nos hoteis, nos theatros, nas orgias, meu lugar era infallivel.... podia ser recambiado.

Chegando á este ponto da narração, Candido parou: eu vejo-o ainda com seu rosto pállido, seus cabellos annellados, e seu olhar ardente—parece-me que foi hontem, elle levantou-se, bebeu com ardor febril dous cópos mais—já cambaleava; e após ter apertado o coração,—como se ahí comprimisse uma tormenta, proseguio:—Eu distinguia, entre meus companheiros de casa, um mancebo altivo, fronte alta, faces coradas—como uma loira Allemã. Alma ardente, sonhava a gloria, promettendo pouco e cumprindo muito; tinha hombros largos, caracter sério e pouco attractivo: mas olhar vivo e braço seguro. Em breves palavras—era uma intelligencia e um caracter á Romana. Chamava-se Carlos. Uma noite, era ao cahir da tarde, eu voltava de S. Gonçalo, alegre e expansivo, vinha de estar com os meus amigos em uma discussão animada, em que, collocados em torno de uma mezinha, havíamos enxugado algumas garrafas de boa cerveja.

Ao entrar em casa Carlos chamou-me, e batendo em meu hombro me disse:—Candido, Georgina deu á luz uma criança, e corre por ahi que é tua.

—Georgina? !—disse eu—procurando lembrar-me a data da nossa separação. Impossivel. Essa mulher morreu para mim ha mais tempo do que o necessario—para a concepção.

Tornou-se, por certo, uma mulher perdida, embuçou-se na capa, e estacou-se pelas esquinas. O fêto pertence, talvez, á algum estudante gondoleiro ou empregado publico.

—Candido, tornou Carlos, em tom sério,—antes de mear a fronte dessa mulher, necessario é vêr, se te não é, seu corpo sagrado—como deve ser o da mãe de teu filho.

—Bem. Disse eu erguendo as espaldas. Entrei no quarto de Carlos. Vasei em dous côpos algumas gottas de um licôr doce, e apresentando um á Carlos—levantei—um brinde:—á solução do mysterio; se eu fôr pai, serás padrinho, e verei se, á exemplo teu, posso tornar-me sério. Tocamos os côpos. Bebemos. Ás 11 horas sahimos de casa em busca de Georgina. Carlos, por indagações sabia que ella morava na ladeira do C....—em uma baiúca miseravel.

Era uma noute triste, e eu d'ella conservo uma recordação mais triste. A lua amarellada escondia-se entre nuvens pardacentas; as ruas erão dezertas, e uma bruma esbranquiçada turbava-nos a vista. Meu coração batia forte, e uma sensação desconhecida agitava-me o ser. Eu me envolvia no capote, esfregava as mãos e tentava rir-me. Debalde; meus dentes estalavão, e um calafrio corria-me pelo corpo. Eu andava ao geito do somnambulo:—parecia êbrio, e não bebêra muito, cansado e não trabalhára no dia.

Descemos um becco escuro, subimos uma ingreme ladeira, e Carlos tomando-me pelo braço, bateu em uma portinha—que nos ficou fronteira. A rua era deserta e o céu surdo. Apóz longo esperar e muito bater—uma luz fraca escapou-se pela fresta de uma janella—que se abriu—n'um ranger sinistro.

—Quem bate?—disse uma voz antipathica, e vimos ao clarão pállido de uma lua de inverno, surdir da sombra—um rosto de velha com os olhos cavos, e dentes apodrecidos. Embucei-me ainda mais e pude contemplal-a, de perto.

Era seu rosto, magro e ossudo, de uma côr de terra; seus labios grossos; e compridas—as orelhas; sua voz tinha um metal agudo, que incommodava. Suas mãos grossas e esticadas tinham as unhas mui crescidas. Era um todo miseravel. A'quella evocação do inferno, apostarias que aquelle monte de materia sopitava os mais dôces sentimentos, as afeições mais caras n'um oceano de lodo. Era coruja, morcêgo e sapo. Era mais terrivel que o tigre, mais furiosa que um cão damnado.

Pertencia á essa classe de mãis desalmadas, que embalão suas filhas educando-as como genero de mercado, e n'um dia de maldição vendem-n'as ao ouro do devasso, exultando-se no cynismo da barrégã. S. Paulo abunda em tal genero.

Ella mirou-nos, rosnando; não sei por que meus olhos faiscárão, e eu apalpei meu punhal.

—Georgina? Queremos vê-la. Abre a porta. A velha zombeteava, e nos ria nas faces. Promessas, rogos, ameaças, tudo esgotamos. O Cérbero guardava bem o seu inferno.

Algumas moedas de prata franqueárão-nos a porta. Entramos. Candido estremeceu, sua voz tremia.

—Já leste os mysterios de Paris. Lembras-te bem da tasca do Lobishomem; pois sobrepoê paredes

mais amarellas, um fogo espesso saltando de um fogão visinho; uma esteira ennegrecida pela fumaça separando uma sala humida, em duas saletas sujas, immundas, e detestaveis. Idèa um chão frio—como o gèlo—lodoso como um lameiro, e terás favorecido, aristocratizado e tornado—poesia—o lugar em que penetramos.

N'um duro grabato, ao lado do quarto, dormia uma mulher pállida, livida, como a fronte do *Giaour* emmagrecida qual a mulher vampiro de Hoffman.

N'um salto estive ao pé do leito, examinando as feições da dormida.

N'aquella mulher quebrada, pállida e abatida, victima de seu primeiro erro, eu reconheci, secca e eivada a taça de meus passados gozos; a visão que fôra de meus sonhos;—demonio, que se puzera, talvez em meu caminho fatal. Era—ella—Georgina.

Ao crepitar do fogo amarellado, na escuridão—semi-clara, que circundava o quarto; á lividez d'aquelle rosto de mulher, ao espectro zombeteiro da velha, que nos fitava,—sem dizer palavra;—em cada parede humedecida pela esteira carcomida e rôta, eu soletrava a distribuição de meus affectos, os estragos de tantos encantos de meu amôr d'outr'ora.

Era horrivel—alguma cousa semelhante á visão mortuaria de D. Juan de Marana—na igreja—onde da terra levantarão seus corpos de finados as almas que sua loucura de libertino prendêra em um carcere prematuro.

Era horrivel, horrivel, exclamou Candido, esmurando a fronte n'um espasmo nervoso.

—Carlos gyrava pelo quarto, esquadrinhando—em busca da creança.

A velha era muda e feia—como a touca de seus ensebados cabellos.

Cercamos a Megera, interrogamol-a :—muda. Apenas um grunhir surdo offegou-lhe da garganta. A moça do leito despertou-se. Abriu largamente os olhos, e sentou-se, espantada no leito. Ella separou os cabellos loiros com as mãos de espectro, e fitou-nos, curiosa. Seria impossivel pintar-te a raiva, o desdem e a sanha do olhar d'ella.... ferio-me como se fosse uma punhalada. Era a visão secca e desvairada do pobre irmão Medard.

Quiz fallar :—um som enrouquecido semelhante ao ribombo de um trovão, passou-lhe pelos labios lividos ; seu rosto contrahio-se e ella cahio sobre a cama como um pezo bruto.

Eu estava pasmo, febricitante, e louco—era-nos força quebrar a concha e extrahir a perola : desejavamos saber o destino da creança. Não gosto de hesitações, esgotados os meios de brandura, vou ao fim—saltando pelos obstaculos.

Desembanhei o punhal, tomei-a pelo braço e apontando-lhe o ferro ao peito, bradei—em delirio :—
—« Ou falla ou morre !... »

Carlos suspendeu-me, e por meio de juras, ameaças e promessas conseguiu saber que era minha a creança ; que o odio—que meu desprezo lhe attrahira, —a conservava muda. Durante o somno, a velha—sua mãe que guardava a porta, allegando miseria a lançára na ródá. Outro, no entanto, era seu designio :—a mãe sem o filho valeria mais dinheiro.... já lhe rondava pela porta—um velho sensual—em busca da carne humana. Georgina já se tinha vendido ao gozo brutal de um devasso de câns.

A' fé—que tive ancias de matal-a ; afinal surri-me, atirei-lhe algum dinheiro e sahí—em companhia de Carlos.

No outro dia paguei uma—ama—alma de mãe,

devotada e terna, n'um corpo de caipira ; entre-guei-lhe a creança, e fil-a crear fóra da cidade.

—E essa moça, Candido, que destino teve Georgina ?

Candido levantou-se ; queimou-se com o ultimo cópo de *cognac* ; espreguiçou, cambaleando como —Cezar de Bazan—e respondeu-me entre um bochejo, e uma baforada—de charuto.—Nem eu mesmo sei ; renegou seu filho, odeou-me de morte, e entregou-se, á um velho comprador. Ai, ai,—creio— que morreu l...

Candido chegou á porta, despedio-se, e partio— convidando-me para uma orgia. Estava ébrio.

CAPITULO ULTIMO.

Metempsychose.

Gennesco terminou. Carlos contou-me, depois, que a creança era de Candido ; e eu, o affirmo—como se elle fóra—; e que a mãe, natureza feróz e vingativa, a renegára em odio ao pai—que a despresára ; e com a ponta do pé a atirára de casa—como a cadella, que damnou. Georgina não lhe fóra fiel. No tempo em que suas noites são mais férvidas, e repassadas de beijos, e—quando Candido envenenado em seus labios só n'ella pensava ; muitos momentos erão-lhe, insidiosamente roubados—e a filha do prazer se abandonava a outros.

—Mathus—que tudo ouvira na embriaguez do somno, levantou-se, commentando o que ouvira.

—Pobre creança, traz gravada na fronte um stigma fatal, Nem o que se dá á todo vivente—uma terna mãe, ella pôde gozar no—primeiro passo do mundo. E' uma lenda triste e parecêra—phantastica, á não me affirmares a verdade do factio. O

drama não teve ainda seu desfecho—qual será o resultado final?

—Não sei. Candido não voltou mais à vêr-me ;
—sem dúvida realisou o maior sonho de sua vida :
—partio para a Italia, e corre novas aventuras, beijando o seio moreno das Italianas. Talvez tenha ido para a Turquia, fumar no *narghilé*,—respirando aquella atmosphéra polygamica. Quem sabe se não se metteu frade, ou está morto?—Creio mesmo que se não morreu de bebedeira, medita neste momento as festas do deus Conso—e sonha um novo rapto de Sabinas. Ninguem me fallou mais n'elle.

—Bôa noute ; disse Mathus. Levantou-se, porém, ao chegar a porta do quarto de Gennesco—voltou-se e estacando em frente d'elle, disse :

—Gennesco, admitto até certo ponto a doutrina da metempsychose ; de dous modos :—creio que certas almas encarnão-se, e vem peregrinar pela terra—representando a belleza, as graças, e a ventura. E creio ainda mais—que certos espiritos culpados, que já viverão na terra, vem expiar suas faltas em vida—sob o involucro do poeta, do genio, ou do talento. Quem sabe se por uma metempsychose possivel a alma de Candido não vive em ti? Pierre La Rameè e Pythagoras crêrão neste genero de metempsychose. Talvez que a historia de Candido seja bem a tua.

Gennesco surriu-se com tristeza. Bebeu seu cópo de cognac e dando uma gargalhada secca e sombria, disfarçou-se com o charuto, e despediu—Mathus ;—dizendo :

—Quem sabe ? E' possivel.

Agora tambem diremos ao leitor :—E' bem provavel.

UM BAILE ALLEMÃO.

I

Pedimos ao leitor o favor de uma pequena imagem:—é—que consinta em subir nas costas do cavallo de Mazeppa—para dar-nos uma corrida á galope. E' dansa de baile.

Sabe o leitor—que, entre as cousas difíceis da vida, ha uma—que quasi attinge a impossibilidade. Assim é difficil encontrar um padre espiritualista, um estudante sem ponto, ou uma mulher sem vaidade; porém é mais difficil ainda chamar á contas um romancista.

Byron, escrevendo o seu immortal D. Juan, pautava o papel, risca-o, e se propõe á um fim; uma vez, em trabalho, o assumpto cresce, avulta, e quebra os limites sonhados. Byron escreve um poema, tendo sonhado um conto.

A imaginação quebra o molde, d'ahi—a difficuldade de uma narração exacta.

Rousseau em suas « Confissões » renega toda modestia, e, sem mascara, sem vestes, apresenta-se, nú, em despeito aos olhos pudicos das sentimentaes leitoras—que espião por entre os dedos—um homem—in totum.

Nú, e franco—o impagavel autobiographo—vai iniciando-as em seu viver mais íntimo. E' assim—que elle conta as phases pueris, sérias, e pungentes, que o tomáráo no berço, seguirão-n'o—á virilidade, dizendo o ultimo adeus—no gelado e triste leito de velho.

Horacio—o libertino—o condescendente amigo do

Mecenas primitivo—recommenda ao narrador que não conte a historia de Troia ao ovo; partindo do momento em que Leda quebrou a casca dos ovos, e mostrou ao mundo, por um progresso extranho, o rosto encantador de Helena—a bella.

Posto que não seja Byron, Rousseau, ou o Epicuro romano—encontro-os n'um ponto:—é a difficuldade em contar ao leitor, sério, casuístico, e moral—a historia do baile. Mas pedimos ainda ao leitor para desculpar-nos, se a musa das danças, arregaçar muito as vestes curtas.

Fallar sobre os mysterios do coração, nolar as diversas cambiantes das commoções de noss'alma, seguir o vôo-phantastico, desabrido e vário da imaginação enfebreçada—não é por certo fazer um discurso bestialogico, tomar planos sobre criação de freguezias, pedir sinecura para afilhado; comer um cacho de uvas, tomar limonada, ou fumar um charuto. Tudo isto quer dizer—somma total que vamos fallar-vos de um baile.

Um baile ! ! !... gritaria matreiro jesuita, passando a mão pelo roزاری, e persignando-se em costumada hypocrisia. Um baile !... flautaria curiosa donzellinha, abrindo largamente todos os olhos, e atirando a flôr do cabello—como se esquece do namorado de hontem, e vê por entre as sombras da possibilidade—um outro em perspectiva !...

Engano. Inuteis são, agora, os esconjuros do padre, os desejos da pequena, e a fome de comer e furtar doces, que accommette as velhas. Não é de um baile frio, calculado, e hypocrita, que vamos fallar-vos. Não são os heróes, rapazitos de casaca estirada, tresandando á almiscar; deixem em santa paz os frizados cabellos, os botins altos e as luvas de pellica. Não se trata d'enganar, pirotear, e fazer cortezias, *macaqueando* em litteratura.

Um baile dos nossos altos salões vale no entanto, as honras de um olhar. Flôres, luzes, perfumes, namoradeiras, papalvos, marquezes velhos, barões desfructaveis, de luzida companhia ; déra panno para mangas, succulento exercicio burlesco á quem tivera no craneo a alma de Cervantes, Larra, Rabelais, ou o genio humoristico de Henri Heine.

A' fé—que fôra de bom comico, o riso alvar das moças, o tiroteio estudado dos parvos—o conselho aparvalhado dos velhos, e esses pequeninos nadas, que fazem entontecer tanta cabeça de sandeu. O ouro que se vai n'uma cartada, a má fé que preside ás apostas, tanto lôdo, tanta miseria que ahi se mostra, fôra comico, bem comico. Não é pois de um baile tal que vamos tratar.

Não fallaremos do culto exclusivo do estomago, da sede de riquezas, molestar de sedas, ou brilhar de diamantes. Mas de um divertimento modesto, pobre, operario ; porém ideal, vaporoso, febricitante, louco, vertiginoso.... allemão em fim.

O leitor consentirá pois—que acompanhemos Genesco, á uma d'essas noutes. Quando o nosso heróe sentia a fronte queimada pelo fogo do pensamento, e o coração se lhe desfazia em melancolia, elle tomava o manto, accendia o charuto, e ia esquecer o tempo em meio dos uivos gutturaes dos compatriotas de Gœthe. Entremos. E' uma sala estreita. Ha cadeiras, ha luzes e flôres. Dansa-se ao som de piano. O baile está em começo. Sentemo-nos.

II

Walkirias.

Era bello de vê-las ! Ao saltar da walsa, cabir onduloso da quadrilha, ou meneio languido do balancêar allemão. Ao som do piano que enthusiasma os animos nas notas apaixonadas, ternas, mil bellezas se ostentão, rodão, e embalão a mente n'um imaginar fêrvido.

A fronte liza e límpida dessas pobres donzellas, em quem a maciez da cútis, a delicadeza da epiderme, a terneza dos olhos azues, contrastão com a aspereza das mãos, calosas pelo trabalho, retratão toda sua alma. E' um céu azulado, por uma bella tarde de verão, correm brancas nuvens, que levão —o poeta á scisma, o pintor ao enlevo, e fazem desenrugar a fronte ao pensador severo.

Felizes, ellas ! Não conhecem ainda, na candidez de seus costumes—o plano impuro, que faz o pensar constante do filho da crápula. Errantes no doudejar da walsa—com seus vestidos brancos, mas singelos, loiros cabellos e olhos de céu, semelhão sombras vaporosas—passando com seu diadema de nimbo—pela imaginação melancolica do bardo scandinavo.

Singelas grinaldas de flôres prendem-se ás tranças aureas, brancas como seus costumes, pallidas como o luar do inverno. Entretanto nota-se uma cousa que não deixa de ser singular: aquellas mulheres cahem febricitantes em vossos braços, sem pensamento de malicia; correm comvosco no vórtice rapido de uma walsa.... polcão.... passeião sem um

gesto.... uma palavra. Se interrogaes, respondem ; se vos calais, calão-se, tambem.

Se lhes offereceis um copo de Champagne, cerveja ou licôr, acceitão, e enxugão.... mas mudas e sérias, cuidaríeis talvez serem—ellas—divinos anjos, que ao cahir na terra, perdêrão o dom de fallar.

Loucas pela dansa passarião, no entanto, toda vida, polkando e walsando. Eu vi-as dansar tres noites consecutivas, até os primeiros clarões do dia, e ledas e frescas continuar após, seus trabalhos diarios.

Uma noute o baile ía mais folgado, a sala superabundava de lindas allemãs ; e os cavalleiros, pela mór parte, allemães, tinhão o cerebro esquentado pelos licôres, e pelos fumos da cerveja. As luzes pállidas e fracas mal aclaravão a sala do baile. Gennesco, que amava as impressões fortes, e odiava a athmosphéra gelada dos salões, onde os rostos tem mascara, os craneos, chumbo ; e os corações, metal ; onde se gyra como o boneco, falla-se officialmente, sério na face, sarcastico na alma ; e vossa fronte pállida é thema para os *espirituosos* ; e vossa patriarchal casaca, alvo aos motetes dos aparvalhados ; allí, n'aquelle circulo de salteadores de balão, onde tudo é mentido e infame ; esquecendo-se o licôr para espinhar o vaso ; onde, em fim, a dignidade de um homem val menos que o relógio, e o pensador é animal curioso..... Gennesco que não pactuava com essas reuniões, vinha procurar um momento de prazer, trégoa á seus estudos, na contemplação das loiras allemãs.

Elle—não pensava como Alfredo de Musset, que taes mulheres sejam insipidas e monotonas ; natureza ardente, e poetica elle amava com delirio todas as mulheres, ou despresava-as todas. Momen-

tos havia, em que vê-lo-hieis em seu quarto na maré das opposições. Imaginação fêrvida e enferma—pelo muito alimento que atirava á essa—*folle du logis*, —como a appellidou um barbudo philosopho, era de vêr-lhe então, a fleugma com que reduzia á suas justas proporções.

Ria-se piamente dos « Ciumes do bardo » pelo affectado, guindado, e abemolado da phrase, que mostrava o cuidado, a reflexão, e o labor que empregára o poeta—no exprimir seu despeito ao bello sexo.

A paixão eleva-se, perde-se nas nuvens, envenena-se, como Julietta, ruge como Othello, ou uiva ao modo do rei Lear, mas não calcula, não medita, e nem metrifca seu fogoso phraseado.

Gennesco, amava, sobretudo, a explosão franca e sincera dos sentimentos. Bebêra surrindo uma copada de máo vinho, com o avarento, devoto sublime do deus—dinheiro—e apaixonado excentrico de uma *burra*; mas desdenharia olhar Jago, ou trocar uma palavra com um politico, vermelho hontem, e já negro hoje. Tambem ouvi-lhe, por vezes, dizer, que não sympathisava com o Gœthe; porque dominava impressões, e excitava paixões que não sentia. Gœthe, dizia elle, é sympathico no Werther, espantoso no Faust, mas egoista e secco nas demais composições. Margarita e Carlota não são irmãs de Dorothea. Gœthe cantára ardente na juventude, porque era poeta novel, e o espumante Champagne estala o vaso, que o contém. A Pythia o fizera curvar-se á força da inspiração.

Depois veio a sede de gloria, a ambição de dictador, e sua natureza de Jupiter desvairou-o, prendendo-o em um Olympo especial, inaccessible aos loucos vãos das paixões mundanas.

Amava até o delirio Jeorge-Sand, a viajante, com

seu genio encyclopedico, seu coração de mulher, su'alma de artista, e os seios nús, saias curtas, e pernas descobertas. Mulher—não hypocrisára—como as outras, não cedêra aos prejuizos do mundo, nem cortára as azas á sua phantasia delirosa. Elle tinha-a á cabeceira—como o Christovão o seu Christo.

Stael era fria, em sua opinião, seus sonhos de moça, su'alma de artista, creárão um dia Corinna. Mas, depois, a romancista mudou de vestes, renovando as flôres do vaso, quiz ser homem, e entregou-se ao sorvete, para ir, gelada e friorenta, admirar a sensibilidade de Schiller, a illustração dos Schlegells, á publicar um juizo sobre a litteratura allemã. Era fria, insipida, e desfructavel, dizia ella, e lembrava o dito do primeiro Consul.

Era um original—aquelle brejeiro de—Gennesco; amava, como um doudo, as filhas das neves, brotadas do solo, á um beijo do nosso sol, e vestindo a duplice natureza do sylpho, ou da walkirie, e da Americana ardente. No meio d'aquelle turbilhão, n'aquelle mar de vozes roucas, sonoras, de baixo, de falsete, de toda a escala musical em fim, elle surria, e fumava; ora observando os encontrões que se davão os Allemães, ou admirando a perna gorducha, e divinamente modelada, de uma volumosa allemã. Tambem, ellas, na simplicidade germanica, levantavão o balão, e poisando o desembaraçado pé, n'uma cadeira, ou tamborete, concertavão mui fleugmaticamente seu çapato, pouco se importando com os olhares, que devoravão com avidéz as lizas columnas de alabastro. O toucador da allemã segue-a, por toda a parte. Se uma perfumosa trança dos loiros cabellos esmorece, e róla pelo collo de neve, ella pára, e pede ao cavalheiro, que a concerte; se copioso suor banha-vos

as faces no correr de uma walsa, vê-la-heis, chegar junto á vós, e enxugar-vos o suor, como a sancta da Biblia, o enxugou á Jesus. Gennesco era quasi sempre—o *cavalier servente* de todas ellas.

Com que prazer não prendia elle uma fita nos cabellos de uma lind'Allemã! E o leque, o mantetele, o ramallete, e o lençinho.... delicias do céu, se na terra viveis é, por certo, no ruidoso folgar de um baile allemão!!...

D'entorno ás mezas, que cambalêo sobre quatro pés espiritualistas, caretêo quatro bojudas garrafas de má cerveja hollandeza, e quatro rubicundos, e sérios Tudescos, bebem, tornão á beber, e vão, e vêm na bebedeira, sem um riso, um gesto, uma oração; nada de palavras. Subito, um formidavel murro, seguido de uma jura guttural, quebra o silencio... e faz tremer os copos e Allemães.... isto é, as garrafas e os garrafões.

—O que é?—Acode na lingagem da garganta, o dono do hotel.

Cerveja, cerveja!—Bradão elles—com os olhos em fogo, e vóz de furacão do Norte.

E novas garrafas chegão, esgotão-se, e renovão-se, e o silencio continúa. Ao vêr aquella meditação, ou apparencias, pelo menos, Gennesco lembrava-se de Hoffinan, a quem um critico chamou pilar de taverna, e que encostado á uma cadeira, rodeado de garrafas, e namorando espumas, delirava seus sonhos extravagantes, na excentricidade borbubante de uma onda de cerveja. Foi sem duvida, em um destes momentos, que elle desenhou as fórmas ridiculas do famoso *trio*: Pyramides Splendiano Aco-ramboni, anão—Pitichimaccio, e il signor Pasqual Cappuzi de Sinigaglia.

Gennesco sentava-se ao pé das mezas, e ria-se feliz, contemplando o homem entregue á liberdade

selvagem. Nos bailes allemães—só ha uma lei que tudo contém, e milagrosamente salva tudo do naufragio da dissolução, é—o pudor. Insultai uma Allemã e logo—um sócco valente ensinar-vos-ha—o andar da rua.

E as mulheres erão bellas, e o champagne estourava, os risos retumbavão, a poeira se enrolava, e a noite corria....

Gennesco perdia-se, louco e fascinado, em meio dos balões, e sonhava, e scismava.... e as luzes erão pallidas, os cavalheiros ébrios e as donzellas febris e arrebatadoras....

Gennesco levantou-se. Passára-lhe uma visão.

III

Ondina.

Sabeis a historia da Ondina? Como bellamente a traduz a cabeça poetica de Lamotte Fouqué?

Viste-la passar, á noute, em uma nuvem de mysterio, nas melodias de Ariel, lembrando as notas ternas e apaixonadas de Beppa—por esse luar da Italia, na gondola phantastica da voluptuosa Veneza?

E suspirastes e crèstes, e bemdissestes, e amastes?

E a onda que murmura, a espuma que se prateia, as aguas que chorão, os remos, que gottejão, e as gottas que scintillão, e além..... na sombra azulada do horizonte, que foge, o écho perdido que vai, que vem, que chora, e canta e diz e calla-se? !...

Pois tudo isto é terno como a canção do Adriatico.

E a que pensava allor
Era um morrente palpito
Era um nascente amor ?

Imaginai o que ha hi de mais vaporoso, terno, apaixonado e languido, e tereis a idéa da encantadora Ondina. Nascida, como a Venus, da espuma do mar, e fadada á morrer na ebriez do primeiro beijo de amor. Era—ella—assim. Gennesco vio-a, e amou-a, e chorou.

Trazia um vestido azul, e trazia vidrilhos na cabeça. Tinha um rosto claro e redondo: destacão-se daquelle véo de neve os dous olhos mais bellos, que ví na minha vida; erão desse azul setinoso—que faz lembrar o céu; humidos e voluptuosos como as bellezas meridionaes. Não caminhava, tão subtil, aereo, era seu andar. Sua fronte cahia n'um collo purissimo, que fôra um travesseiro digno de descansar a cabeça de um anjo de Deos. Era bella, muito bella, mas dessa belleza divina, sagrada, e celeste—que inspira religião, respeito e adoração. Pouco fallava, e curvava-se, como um véo de gaza beijado pela briza fresca; parecia não ser filha da terra—tão indifferente se mostrava á bachanal, que lhe ia ao pé.

Com seu ramalhet de flores, vestes do céu, dentes tão alvos, e aquelle collo—destumbrante de alvura, dissereis—é uma criação religiosa, um dos anjos poeticos da epopéa de Klopstock.

Apoiado á uma columna, aproveitando a confusão dos convivas, Gennesco admirava-a; e reconhecia que o scepticismo cahe impotente á um acêno de mulher bella. Elle sentia uma attracção para aquelle

anjo.... surria.... e scismava.... em quanto todos se perdião na Babel das linguas.

Aquelle ramalhete, o perfume de tantas flores, essa musica, que nasce da harmonia da belleza; o pé tão leve—á bater, impaciente pelo chão.... prendião-n'o nas malhas de uma rede. Gennesco, já perguntára á si, se era amor o que elle sentia, ou essa commoção puramente physica, esse enthusiasmo dos sentidos—que participa do corpo, e não de noss'alma.

Seria o que Octavio soffreu, ao ver a pelle mosqueada, que rebuçava os membros de Marco—a dansarina Italiana? Sonharia—elle—com a orgia de Degenais?

Era talvez tudo isto....—espiritualisado. Ha organizações exceptionaes, por tal arte formadas, que arastão a alma em todas as suas tendencias. O amor para esses homens de uma sensibilidade, á toda prova, attingida por qualquer objecto externo, é sempre mixto; nem só material, nem exclusivamente ideal.

Para esses Platão é um visionario.

Preferem a corôa de myrto de Anacreonte, uma ode á Lydia de Horacio, uma das paixões de Lucrecio, ou o banquete de Lucullo—á quantos sermões sobre a castidade, abstinencia carnal, ou abnegação dos sentidos—por ahi papagueão os padres.

A imaginação engrandece os objectos, arrasta-os, e os eleva á altura do espirito, mas o ponto de partida é material; o principio de movimento todo organico. Heloïse está neste caso; e suas cartas tão ardentes, embora, saturadas de mysticismo, revelão sensações dos sentidos.

Gennesco não era com todos os—*ff e rr*—um Lovelace; não tivera ainda sua Clarissa Harlow, nem occasião de tomar de assalto, e espada em

punho a cidadella de um coração feminino. Não era, também, irmão gêmeo de D. Juan ; não tivera Hay-dea, nem tão pouco, a proposta de Gulbeyaz. Era um filho da poesia, brincára muito com os poetas barbudos ; adormecêra lendo Octavio, e acordára com pancada na bóla, encarando tudo pelo prisma roseo de sua imaginação. Na galeria phantastica de seus sonhos, havia um nicho á espera de Madona. Creio que neste momento elle inda por ella—espera—como os Portuguezes o seu D. Miguel, os Allemães seu Barba-Ruiva—e os Judeos seu Messias. Elle seguia a paraphrase de Degenais :—« tomar o mundo como elle vem, o vento como elle sopra, e a mulher como ella é. »

Elle deu um passo, e dirigio-se para ella :

—« Minha senhora. »—

Ella encarou-o.

—« Seria feliz o mortal, que vos merecesse as honras de um passeio. »

Ella surriô-se e deu-lhe o braço.

Gennesco continuou :—« contão os poetas, que um filho da arte desceu um dia ao inferno, para ir buscar a sombra de su'amante..... »

Um Allemão, que passava de cachimbo, medio Gennesco dos pés á cabeça—a palavra « amante » dirigida á uma virgem. Gennesco bateu-lhe no hombro. Elle fez uma cortezia e passou.

—Mas, continuou o nosso heróe.... « Euridice.... leve-me o demo se me lembro do que vos dizia. »
« Minha senhora, lembra-se ? »

A moça saccudio a cabeça, e aventou-se com o leque. Gennesco pensou consigo :—

—« Dir-se-ha que este sylpho não falle ! »

—« Minha senhora, continuou, deseja tomar um copo de cerveja, um dedinho de champagne, ou beijar um naquinho de presunto ? »

A Ondina abriu os lábios de crepusculo, e flautou um inaudível « sim. »

—« Presunto, champagne, e cerveja ! » Bradou Gennesco, com os pulmões de Stentor. O écho ao longe repetio:—presunto.... champagne.... cerveja....

Sentáráo-se. Gennesco contemplando-a, esquecia-se do presunto, do champagne e da cerveja. Os cabellos da moça passarão-lhe de leve pelos lábios:—ella se curvára para apertar a fita do çapato.

—« Creio que existão fadas, minha senhora. »

—Como ? tornou a Ondina.

—« Quero dizer—que a fita dos seus çapatos affrouxou-se, novamente. »

Ella desandou n'uma risadinha de veludo.

Gennesco baixou-se e tomou-lhe o pézinho.... que mimo l... que pluma l...

—*Hönni soit qui mal y pense*, disse Eduardo 3.^o de Inglaterra e deu origem á ordem da *jarreteira*. O bom rei era menos feliz do que Gennesco. Ambos, no entanto, tinhão se curvado á ver a torneada perna de uma mulher.

—Gennesco não comia; sonhava, e estremeçia, á pensar no jaspe d'aquella estatua. A moça comia, triturava, engulia, devorava e bebia mascando presunto, engulindo cerveja, e enxugando champagne.

Ella encheu um copo de champagne, tocou-o com os lábios e deu-o á Gennesco. Elle tomou-o suspirando, e tendo-o pela mão, vasou-o—como se bebêra no céu um pouco de ambrozia.

Uma vertigem passou-lhe diante dos olhos, suas mãos tremêrão, sua cabeça pendeu, e seus lábios tocáráo.... tocáráo a fronte d'ella. A Ondina tinha o rubor nas faces, e o lyrio da fronte humedeceu-se ao contacto de um beijo.

Ella ergueu-se, amuada, e convidou Gennesco á dansar. Decididamente percebe o leitor que a moça

comprehendia, perfeitamente, a linguagem dos gestos.

Ella—a Ondina—era um sonho, e apesar de ter comido—como qualquer quitandeira, ou mulher toda carnosa e amante de *beefs*, é certo no emtanto—que seu corpo encantava, e fazia sonhar delicias do céu. Gennesco se embevecia—contemplando-lhe o collo que palpitava e tremia—como a rollinha que estremece sob as azas do macho. Lia n'aquelles olhos a sombra vaporosa de uma visão que passou, e maldizia a estatua.... porque é bella, e é fria; é plastica e não falla. E a moça se calava. Nem uma palavra; apenas risos....

No emtanto o ambiente queimador de um baile, as risadas, a conversação—correndo em meio dos perfumes, dos leques, dos lenços, e dos halitos da donzella, que falla cantando, seguindo, ignára, a nota queixosa da musica que foge.... oh, tudo isto ao lado de uma linda mulher—banhada ainda no aromoso encanto da castidade, enlouquece, faz chorar, e inspira desejos de morrer.... de amor, de enlevo....

Gennesco contemplava-a perdido. Sua alma não era na terra, mas no céu, seus pés já fugião do solo, seus braços pendião frouxos, sua respiração era custosa.... e a palavra de fogo, a nota mais perigosa ia cahir-lhe dos labios em vulcão.... quando....—Pelas trippas do usurario! o que foi?

—Nada. Cousa muito simples. Gennesco perdido no seu mundo de scismas—corria a sala, entre allemães, allemãs e allemãezinhos—quando o altivo, forte, gigantesco, e volumoso tacão de um maldito sapatão calcou-lhe—o calo mais mimoso, choroso, e sensitivo—que lhe bordava o pé....—Santo Deus!...

Gennesco atirou a Ondina, correu sobre o Allemão, e rindo-se de dôr foi cahir em uma cadeira

—saudando os bailarinos—com esta expressão filha genuína de Satanaz :

—Leve-te o diabo tacão de sapato !

Sua exclamação perdeu-se no meio de um grande ruído, era a musica, erão as velhas, erão as moças, erão as flores, toucas e balões—que vinhão tocadas de um vendaval temível. Era o riso, o vórtice, o pé de vento, a tempestade, e a loucura era—o signal do galope.

A Ondina desmaiou—como a espuma da torrente.

E Gennesco suspirou.—Porque ?—Ah ! leitor, por um calo.

IV

o galope.

Ninguém poderá comprehender a poesia de um baile allemão, vê-lo passar diante de si, com suas donzellas, loiras, e brancas, mûdas e vivas, sérias e loucas ; seus allemães de cachimbo, de grandes çapatos, bigodes de turco, e andar pezadamente, velóz—se não tiver assistido ao grande galope :— indispensavel condição de todo o divertimento deste genero.

São as luzes que impallidecem, a musica que arrebatá, as moças que arquejão, os homens que vacillão ; as velhas que se despertão, os calos que gemem, os çapatos que batem, os leques que vôão no meio de fitas, rendas, balão, toucas e loucura de vivos. Quem não vio um galope allemão... não comprehende a Allemanha. E' a frieza Allemã—como a quietação de um barril de polvora, chegai-

lhe o morrão, e tudo irá pelos ares. O morrão é sempre—o galope.

Até então, as mulheres allemãs, que sentem os abraços do velho inverno, dormem pelos cantos, esquecidas de si e do ruido da festa. Com suas toucas pretas, vestidos compridos, e sem balão, estendem-se somnolentas—no santo quietismo da calma tudesea.

Boas avós!—Longe de metterem doces no bolso do vestido, ou em lenços feitos *ad hoc*—ou grasnarem—como as nossas palmeiras e intrigantes—*vovós* sonhão com o seu paiz, e adormecem nas classicas margens de seu Rheno patriótico. Não correm saltitando pela sala, espirrando por entre as moças, e segredando ao ouvido das netinhas mil observações curiosas, que descobrirão nas outras moças:—como, por exemplo:—« que o balão desta é comprido, o d'aquella curto; o pé de fulana—o de um gallego; o de sicrana muito fininho; que D. Maria viera com o mesmo vestido, e D. Balbina untára muito o rosto de vermelhão.» Não!—acócoradas em suas cadeiras semelhante antes essas figuras phantasticas—que povoão as lendas allemãs, e que Henri-Heine—tão espirituosamente descreve.

Às vezes, tambem, associava-se-me á idéa a catterva assombrosa das feiticeiras do Faust. O certo é, porém, e seja dito em amor á verdade, que não n'as ví nunca, montadas em vassouras, ou cavalgando pyrilampos—ir em noute de tempestade, beijar o presidente de seu club—*na parte onde terminão as costas.*

Ao signal do galope, as cabeças se erguem, as velhas despertão-se, esfregão os olhos, as toucas movem-se, e uma vozeria geral passa, remoinha, cruza-se, embarça-se, e vem ressuscitar, para logo depois, morrer e tornar a viver. No emtanto, as

as frentes que s'expandião, os olhos que fuzilavão, e as toucas das velhas cahirão no marasmo primitivo. E um ruidoso suspiro retumbava pela sala.

Um incidente tivera lugar;—o pianista, guápo crioulo-reluzente—como a graixa, mas namorado da garrafa-cerveja, como qualquer allemão branco como o papel-pautado—bebêra, até perder o fôlego. A' primeira martellada no piano—corrêrão todos, e esbarrarão com elle—agachado á um canto, na estupidez do monado Sileno.

Gennesco passou, e em quanto se tentava pôr o musico sobre os dous pés, elle parou diante de um quadro da Suissa—contemplando-o—em muda scena.

Aqui montanhas que se levantão com seu boné de neves—olhando bocejantes a face do céo. Além valles risonhos que sustentão as cabanas humildes do pobre, mas altivo camponez.

Na historia de su'alma, abstrahindo dos homens, Gennesco sonhava ternos amores, paixões puras, dramas sublimes, n'aquellas choças, que servem de habitação aos filhos da liberdade:—os compatriotas de Guilherme Tell.

Parecia-lhe vêr as pastorinhas formosas com suas faces de purpura, sombreadas pelo chapellino de palha, correrem ledas ao tinir do guizo de seus carneiros, sorrindo felizes—como as flores dos seus ramalhetes.

As vezes lhe passava um sentimenso de enthusiasmo, era que seus ouvidos tinhão sentido os sons marciaes do touro de Underwald. Os gritos, as canções bacchicas, e o motim dos bebedores batião-lhe aos ouvidos parodiando o ardor dos grandes dias de Grandson e Morat.

O' liberdade! És um raio divino, scintilla electrica, que nos queima as almas, e faz do homem—um

deus. Onde quer que te mostres ha um anseio para o infinito, e um sonhar ardente, que nos inspira o martyrio. És filha de Deos. O homem em cuja fronte teus labios poisárão, está para sempre sagrado; a patria, o povo e a gloria—tomão-no da terra para mostra-lo ao mundo.

Augusta filha do céu, teu sorriso é benefico; ao teu influxo—os campos se perfumão, a terra fertilisa-se, os genios surgem, e os tyrannos empallidecem. Eu adoro-te, porque és pura, e santa; sacrifico-me porque tambem és a religião!

Gennesco foi arrancado á suas reflexões por um barulho infernal que os pagodistas da cerveja e do presunto fazião na sala do interior. Em um salto elle encarava o espectáculo seguinte.

Muitos Allemães ébrios, alegres e fogosos rião, choravão, e bebião ainda—em torno das mesas cobertas de garrafas, e com seus olhos humidos, labios borrifados de licôres, e murros tremendos, acompanhavão alguns heróes, mais quentes, que, n'uma ronda de demonios, sapateavão—cantando « *o ça irá, ça irá,—les aristocrates à lanterne*, dos delirosos dias de 89 e 93.

Era um espectáculo vivo desses momentos-seculos—porque passou a França.

O estourar do champagne, os gritos enrouquecidos, semihavão o troar dos canhões, e um gorducho allemão tombando, com sua garrafa em punho, do alto da mesa, deu idéa da queda da Bastilha.

Os risos, os abraços, a alegria febril d'aquelles homens, no meio dessa orgia infrene, espelhavão fielmente os amores, que então brotavão, mais poeticos pelo perfume da morte, mais sublimes na penumbra da guilhotina. O rosto innocente de alguma loira allemã, que surgia timido, attrahido pelo movimento, fazia lembrar Carlota Cordey,—o *anjo do assas-*

sinato,—passando como a virgem do destino—por essa caterva de miseráveis.

Começarão a Marselheza.... os filhos da França corrião ás fronteiras, mordião o cartucho, e enviãvao ao mundo a idéa da emancipação—na velocidade de suas balas. As bayonetas tocavão os peitos dos soldados, as costas dos principes, e espantavão Goethe—fazendo-lhe estacar as mãos, que desenhavão as primeiras scenas do 1.º Faust.

Súbito parou aquelle movimento. Os soldados deixãvao de se fazer matar em Junmapes e Fleury.... os vivas á Allemanha, e á França amortecêrão-se; e a onda dos ébrios moveu-se, torvelinhou, e veio estourar na sala das danças.

O crioulo estava ao piano, e dormindo, sonhando—corria as teclas n'um galope infernal.

As suspirosas endeixas do melancolico Chenier—se trocarão—pelo riso lubrício, vertiginoso e desvairado de Fouquier-Tinville. Galopava-se.

V

(Continuação).

A sala tremia. As luzes vacillavão. A poeira saltava. As velhas turbilhavão, ião, vinhão, voltavão, corrião, ralhavão, surrião, choravão e enlouquião, e o galope continava.

O galope! o galope! Lembrai-vos da historia pagã, passa-vos, por ventura,—aquelle barulho infernal, bater de cymbalos, e vozear infrene, que fazião os Corybantes para suffocar e adormir os gritos de Jupiter—menino,—sobre o Ida?

Não ideais as vozes roucas dessas bacchanaes,

thyrsos em punho, cabellos ao vento, seios palpitantes, braços torneados, que se movião em luxúria ;—febricitantes, loucas—correndo ás festas do deus Pan e Baccho ?

E as Menades, ébrias de lubricidade—na sanha, na furia, no tripudear—tomando o divino Orpheu, e em uivos do inferno espatifando-lhe os membros, e derramando-os pela praia ?

Phantasiai uma cidade, tomada de assalto.... tectos, que tombão ao bater de balas, homens, que rolão sanguentos, ao tocar do obuz ; tropas, que se perdem, no pó das ruínas, a oscilação—em que balouça a população errante ; o grito, o espanto, a blasphemia do rico, e a gargalhada do libertino ; ajuntai ainda uma subita inundação.... ou habitantes fugindo diante das lavas que correm, e correm velozes—com a rapidez da morte,—fogo e fumo, pedras e balas, miseria e lagrimas—baralhai tudo isto.... considerai os risos, os saltos, as voltas, e os gritos d'animacão—partindo da garganta de allemães, ébrios e roucos e tereis idéa—do que se chama um galope infernal !!!

E as mulheres erão bellas e a Ondina era soberba ! !..

Na vertigem do galope, seus balões, seus vestidos brancos voando no correr ligeiro, selvatico e febril ; seus cabellos saltantes, e faces animadas.... confundião, embaraçavão, e chumbavão—um craneo de fogo. O vento gozava bellezas invisiveis ; e travêso,—passava—polkando e cambalhoteando pelas vestes alvas.

A imaginação perdia-se soletrando encantos mysteriosos, e pôr uma fresta do céu lia as delicias do paraizo.

E as moças folgavão, e o galope continuava !

Tudo gyrava.... tudo brincava.... cachimbo e allemão, touca e velha, sapatão e donzellas. [O crioulo se travára com o piano.

Gennesco olhou.... quiz exhesitar.... não pôde. Atirava-se ao turbilhão, as ondas batião-lhe d'encontro, elle vacillava, procurava um apoio nas cadeiras, e surria-se feliz, contemplando a imagem dos elementos—cambalhoteando no cahos.

E as filhas da Germania—oriundas no Brazil sentião as neves avoengas derreter-se-lhes—no peito e galopavão, e enlouquecião. Erão como as Willis—de sua patria sombria; que despertavão do tumulto, e dansavão por uma vertigem, fatalidade, ou decreto do destino.

As ondas acalmárão-se. O suor banhava todas as frentes, e as velhas arquejavão de cançasso. Estava finda a refrega.—Bebia-se e refrescava-se.

Gennesco tomou pelo braço a Ondina cançada. Seus cabellos erão loiros, seus labios de rubim, seus dentes erão perolas, e as vestes de setim. Elle levou-a ao botequim, e pediu mais vinho. Ella sentou-se e bebeu....

Gennesco—queria experimentar o pezo de uma espuma de onda, e representar a mimosa scena da Ondina de Fouqué. A agitação do baile, o fervor do galope, e a força do vinho, o ajudavão....

Neste momento um trovão medonho retumbou pelas salas. Os Allemães levantárão-se em furia, e uma luta terrivel teve lugar.

Erão os Inglezes—bem regados de cerveja, que vinhão, importunos propôr aos Allemães um exercicio de pugilato.

Oito Inglezes lutárão com mais de vinte Allemães; e dêrão socco—como verdadeiros *god'ames*. Erão frentes sanguinosas; vestes rôtas, e peitos arquejantes.

Veio reforço e a luta se travou mais renhida. Os murros soavão como granizo no telhado; erão tantas as juras, bofetões, pontapés, e imprecações, que a casa cambaleava, e os lustres tinião como um dia de juizo.

Os Inglezes fugirão. A victoria foi pela Allemanha. N'aquella confusão Gennesco desapareceu; e n'outro dia erão, já, dez horas, os companheiros brincalhões batião-lhe na porta, chamando-o para o almoço, em quanto elle dormia, pezado, como Napoleão aos primeiros tiros do grande dia de Austerlitz. Já não se lembrava da Ondina.

Quem no emtanto se dignasse correr as folhas do album d'elle, teria eucontrado uma lembrança perdida, um écho de um sonho, que passou. Elle assignalára o encontro do baile, o vaporar da sylphide—nesta quadra, que cheira ao seiscentismo:—

Tenho saudades do baile
Do baile que er'alleião....
Da moça—côr de esperança
Esperança de meu condão.

VI

Dhalila.

Alguns dias depois do facto que presenciamos, Mathus, o inseparavel amigo de Gennesco—entrava pelo quarto, e ia acorda-lo. Erão dez horas.

O nosso heróe viera do theatro já bastante tarde; e embalava-se, agora, no *dolce far niente* de um somno, em dia de feriado.

—Olá, olá, Gennesco, dormes ainda?

Mathus tomou-o por uma perna, fê-lo cair, e abriu as janellas.

—São dez horas. O sol vai alto, e dormes? Eis um erro imperdoavel n'um poeta. Se soubesses como vinha a aurora encantadora, que azul no céu, e que hymno magestoso—mandava a terra á Deos.... por Shakspeare—que não dormirias!...

—Mã...Mã...thus....., disse Gennesco bocejando, —começaste, cêdo, a *prosa*?!...

—A' proposito, disse Mathus, vamos aos cigarros.

Mathus gritou pelo moleque; veio fogo, e elle accendeu o cigarro, sentando-se ao pé do leito de Gennesco.

—Mathus, se estivessemos em outra hora, eu affirmára, que já tinhas libado ao deus Baccho, ou te debatias, como sybilla-macho na santa inspiração do divino Pan.

—Acordaste estúpido!... atalhou Mathus.

—Não. Quando entraste eu fui arrancado á um sonho delicioso.... tua entrada foi importuna—como a do alugador de animaes, que vos bate á porta, exigindo o importe do aluguel. Ou o cobrador de uma letra, homem de marmore, positivo—como seus sapatos, cerebro duro—como seus cobres; ou mimoso ratão, velhaquissimo charlatão, abastardado filho de Galeano, que por ahi exerce o sagrado mister de curandeiro; applicando-vos pilulas ou globulos homœopathicos....

—Salva a redacção!...

—.....ou fazendo-vos tomar clysteres de *salmoura*, para mandar-vos depois uma conta exorbitante, producto de alguns mezes—em que dêste occasião ao exercicio dos ganhos do tal tratante—dando-lhe para thema— a conjugação do verbo—surripio!....

—Tá, Tá, tá—estás estupidamente bestialógico!...

—Antes de entrares—eu sonhava,—disse Gennesco sentando-se na cama, ouvir uma bella composição musical. Era a melancolia de Bertini—junta á melodia de Verdi; era o canto de Boabdilla. Era a nota apaixonada do canto á perder-se ao longe, por um céu de luar... minha alma boiava n'aquelle mar de sons—lembrando a indolencia de Cleopatra—subindo as aguas do Cydno, no enlevo material d'aquelle sensual de Antonio—o duumviro.....

—Mão—ahi vem—as comparações!

—.....Ébrio e palpitante—na sêde do gozo—preso e vacillante, eu errava ao grado das notas—quando—mudão-se as scenas, e eu, em sonhos o poeta—André—cabia aos pés da princeza, no drama—Dhalila—do imaginoso Serpa.

—Bravo!...

—A Italiana, olhos humidos, alma nos olhos, desejo no coração, e palpitante o seio, tomava-me a frente e....

—Beijava-te?

—Assim era.

Os dous mancebos rirão-se, e continuarão á fumar.

—A proposito, disse Mathus, como achaste o espectáculo de hontem?

—Tua pergunta não é facil de responder-se. E' collectiva. E' mister decompô-la. Por espectáculo entendo as moças, as flores, os bancos e os *comicos*....

—Actores.... corrige-te do máo modo. A' todo rei, toda honra.

—Como quizeres. Começarei pelas moças:—vi muitas especies:—brancas, vermelhas, pretas e algumas de amarello duvidoso... estas creio que se tinham borrado de mais. Olhos.... azues, pretos, pardos, e côr de cão gôzo ou tinioso. Lindos cabellos, rostos soffríveis, e dentes postiços ou mise-

ráveis. Isto.... quanto ao physico, no que se estende ao moral.... creio que as moças de S. Paulo são filhas d'Arabia.....

—Como? Lá viajas pelo Oriente, estou em jejum. Explica-te.

—Li, não sei mais aonde; talvez, em algum *folhetim*, *gazeta*, ou *chronista da quinzena*; noticia dimanada desses mil pretenciosos, que se dizem conhecidos em sciencia, usos e costumes orientalistas.... que os Arabes negão a existencia d'alma ás suas mulheres. Eu creio que é por isto—que os crentes prohibem ás mulheres a approximação do templo. Ora se assim é temos:—lá vai sillogismo:—as mulheres da Arabia não tem alma, as Paulistas não teem alma, logo são filhas da Arabia.

—E' preciso provar a segunda.

—Provo. Olha, desejando tomar o pulso ao bello sexo de S. Paulo, puz-me á examinar, no correr do drama, as impressões, juizos, ou segredinhos, que lhes arrancava o assumpto....

—E então?

—Então?—Não vês, alli, sobre minha mesa, como aquelle cãozinho de gesso, está immovel, olhando imperturbavel e eternamente para o céu?

Repara como aquelle turco de estirado bigode, chapéo redondo, e cabeça inclinada, contempla, mudo e cynico, a mulher que o espia do alto da escada. Tal é o retrato dessas mulheres, nem uma sensação, ou suspiro arrancado ao que se chama noss'alma.

Nem, se quer, um palrar sem idéa, um papaguear, grunhido ou zurro, que revelasse suas naturas:—suina ou cavallar. Nada. Imobilidade de camello.

Depois, movem-se, como a estatua de Spallanzani,

olhos esbugalhados, mãos compridas e cahidas—como a composição de Giuseppe Coppola.

Como ella, tocão piano, dizem por unica e sacramental palavra, ah, ah, eh, eh, hi, hi!... espirrão, suão, limpão-se; inspirando, ás vezes, louca paixão á algum entusiasta Nathael—que morre atirando-se pela janella, e gritando:—bellos olhos, bellos olhos!...

Os dous amigos interrompêrão-se ás gargalhadas. Erão solidarios na atrabiliaridade.

—Moças ví eu, continuou impiedosamente Gennesco, que quando a scena fa mais bella; mais sentimental e interessante o dialogo, abrião largas bôccas, e batião o branco teclado, chupando um docinho, ou saboreando gostoso queimadinho.

Outras, abanando-se com o fresco leque, embriagadas na voluptuosidade, do cheiro do gaz, achatão-se nas cadeiras, e, com olhos langues no infallivel namorado, passão as horas da representação no quietismo estúpido de uma sultana, monja, ou suspirosa Analia.

—Anda lá, confessa, ao menos, que havia alguma, que assim não era?

—O', Mathus, pergunta Gennesco, qual é o animal mais tolo em nosso planeta sublunar?

—Evidentemente, tu, que te suppões frio observador, e ferula do mundo.

—Enganas-te. E' um namorado. É, em boa logica, o homem, que, agora, conversa comigo.

—Adiante, adiante.

—Gostei da actriz:—é moça de talento, tem formidavel nariz grego, e faz versos. Aquelle corpo voluptuoso, ondolante e fragil, á curvar-se como um caniço—era um raio de Italia, e o pézinho.... era chinez puro.

—Déra meus vinte e dous annos, meu cãozinho

de gesso, e minha obra de Byron—por tomar as fórmulas de André—n'aquella noute.

E' encantador, harmonioso e sublime, o dialogo entre a princeza e o poeta. Aquelle ademan de rainha, de potencia, que impéra, e com um gesto faz saltar a cabeça de um homem, por um brinco, ou capricho de moça, foi vantajosamente representado; e as hesitações, o extasi que abraza aquella alma de Italiana, ao ouvir em su'alma de artista as variações vagas, deliriosas e infinitas, que o segredo do poeta-musico—arranca ao sensível madeiro. E aquellas estatuas onde a volupia surria; e a princeza á suspirar em febre aos ais sentidos da canção chorosa....

Oh! digo-te, á fé de 3.º annista, que só dei accordo de mim quando limpava na manga da sobrecasaca de um alferes, meu visinho—de banco,—uma lagrima comprida, que me fugira dos olhos. Eu me reconheci—o mais innocente mancebo, que o sol cobre:—chorava, sentia, e acreditava—era feliz!

—Que orgulho!...

—Olhei depois para os camarotes, e uma velha, horrenda velha, coberta de fitas, rendas, e armações de vidrilho; faces de cathedral, nariz de pyramide, roncava, roncava na suavidade de um sapo-femea....

—Oh! *horresco referens!*

—Pois bem!—a poesia do drama me passára n'alma—e a poesia é como o *hatchis* oriental faz ter bellos sonhos. A poesia—é o sôpro de Deos:—passou pelo marmore:—ei-lo estatua; tocou a fronte da mulher—ei-la Julietta.... A velha pareceu-me, então, uma linda serêa, montada n'um peixe brilhante, ao som das melodias de Ariel—no sonho de uma noute de verão—como a vislumbrou—a cabeça ideal de Shakspeare.

Eu vi um batatado gallego, pé de obúz, ventre de barrica ; com os beiços grossos, cahidos, e olhos pasmados, babando sobre a cabeça de um formigão —na santa innocencia de um conego-bebado....

—E o beijo....

—O beijo, o beijo.... veio arrancar as moças á seu descuido, e suado namôro. E' linguagem, que não falha ; tudo conspira :—falla aos olhos, á bocca, ao nariz, ao tacto, em fim á todos os sentidos, material, visivel, e claramente. E' a pedra philosophal da sciencia feminina.

—Dize, antes, é o phyltro da maldição !

—Não. Pelo amor, que não !

A scena passa-se na Italia—n'aquelle paiz de fogo, onde o sol queima, o céu é sempre azul, e o volcão ferve sempre. E' o paiz do amor—vivo retrato da natureza movel, inconstante, e caprichosa do homem.

Mal haja aos Arabes—que reivindicão o Eden—que longe de sorrir em Baharem—foi atirado em Napoles, Veneza ou Ravenna—cidade sympathica, e minha predilecta—por ser a patria nativa da bella, terna, e apaixonada Giuccioli.

Gennesco ajoelhou-se sobre o leito, e com seriedade comica voltou-se para o sol—na posição do nigromante—conjurando uma sombra. Elle disse :

—Terra d'Italia, *piece del ciel caduto in terra*, quem não sonha teus montes azulados, céu sereno pelas harmoniosas margens do amoroso Lido ?!

Que alma de moço, pelas quentes noites da vigilia afanosa, quando o seio tremeu e alma cantou e suspirou *d'amore*, não evoca tua imagem linda !

Tuas gondolas, que fogem pelo crystal de onda, tuas stancias do Tasso, e teus proverbios amados ?

E tuas mulheres que morrem, e suspirão morrendo, no morrer de amores ?

Quem te não ama, quem te ama, e não sonha, quem te sonha, e não chora, no chorar de saudade? Com teus marmores, tuas *piazzas*, tuas sonhadoras filhas, oh vêr a Italia e morrer, não mente o teu proverbio l...

Com teus venenos, teus punhaes pela sombra, teus numerosos bandidos, o Sirocco e o Vesuvio, o palacio, e as prisões, S. Marcos e a ponte dos Suspiros.... eu te amo, ó berço de fadas, com teus quadros de Raphael, sonhares da Fornarina, lembranças de Julietta, e lagrimas de Desdemona. Amo te, e a capella Sixtina desse poeta, genio immenso—que se chamou Miguel Angelo Buonarotti! Oh!—vêr a Italia e morrer!...

Gennesco cahio sobre a cama, e conservou-se em silencio, por algum tempo. Mathus interrompeu-o.

—Cala-te, Quixote, deixa que agora falle Sancho Pança:

Fizeste como os nossos deputados, que orão, gritão, enthusiasmao-se, esquecem-se do que dizão, tomão uma pitada, e terminão—mandando uma moção á mesa.

—Na verdade, és um tabaquista, não comprehendes, que possa um homem identificar-se, com as bellezas de um paiz....

—Está bem, está bem, continúa.

Gennesco continuou.

—André—o poeta—arrasta-se aos pés da princeza. Pobre Reinaldo esquecia-se da gloria, appellos da fama, e do valente corsel, preso aos enganosos braços de Armida—a feiticeira.

O paralelo entre os dous amores é bello, mas eu amo as sensações fortes, gosto de dôres de nervos, e prefiro uma taça de espumante champagne, cujo gaz estala—arruinando as vestes setinosas—das bellezas que nos rodeão—á um copo de fria cer-

veja, bebida—no recanto escuro da taverna—em frente com um volumoso conviva.

Esses amores placidos, paixões domesticas, frios dialogos de duas vozes que se tornarão—*Centauro*—á uma palavra talismânica, esconjuro de padre:—*conjungo-vos*, não estão em altura de certas naturas. E pensava bem o amigo de André—quando—tentou obstar ao casamento dos dous pombinhos.

A differença entre esse amor ardente, impetuoso, e fatal—*essa torrente de lava que ferve no Etna*—, que leva o *Ginour* á calcar aos pés a cabeça sanguenta de *Hassan*, e á ver diante, sempre, em todos os movimentos da vida—a realidade de seu delirio; e esse amor placido, sereno, tranquillo, e plebeu—que vai tanto em maravilha ao vendilhão—é espantosa, triste, e saturada de pranto.

O vendilhão ama sua mulher, como tambem ama a garrafa de aguardente, o rolo de fumo, os lanhos do toucinho, e as panellas da venda. Elle ignora se os olhos de sua cara-metade são bellos, se podem matar n'um volver de paixão; elle não vê se o pé da esposa é mimoso, se sua trança de morte véla o estremecer palpitoso de uns seios de virgem; não, elle indaga, apenas, se suas mãos são duras para o trabalho; se seus dedos cosem seguro, e breve; se ella amamenta as creanças, e deita fundilhos—em seus sebentos calções, ou remenda bem—as grosseras ceroulas.

A' estes convém a bebida morna, destemperada, e no vaso de vil barro. O vendilhão confunde a machina de filhos com a machina de costurar.

Toma d'ahi uma donzella sonhadora, uma alma inspirada, une-a á esse vampiro azinhavrado—e a pobre moça será infeliz.

O poeta—o genio—a aguia altiva, vòta mui alto. Só lhe vai bem o roubo de Ganimedes. No festim

de seu prazer só Hèbe—a divina Hèbe—fôra digna de vasar-lhe o vinho.

Querer que o poeta se arraste, vôe rente no chão—como os pintos, os pombos e os gallos—fôra querer o impossível.

Fôra confundir a marcha commoda e alterosa do corseel—pura-raça arabica, ou fina estampa da Normandia—com o trote secco, abalativo, e duro, do ruim burrico do manso vigario de Christo. Fôra não distinguir entre o condôr e o morcêgo.

O homem do viver phantastico, que escalda sob o fogo do genio, que ri-se, salta, chora, e se entristece, sem causa justificativa, pela simples influencia do temperamento, tem esphera diversa, separada do commum. Outra esphera, eu vejo, podem dizer com Manfredo, se o prenderem, lançarem-no em cadêas..... elle quebra-las-ha,—agora, logo, ou amanhã.

Taes homens são nomades. Ambulão como o selvagem,—fôra insanía ou crassa estupidez tentar subjeita-los ás estreitas leis da familia; obrigando-os á observação do codigo marital ou do rotulo da casa.

Gennesco surrio-se e continuou.

—Bacon disse que o casamento era um obstaculo á todas as grandes emprezas. Todas as descubertas importantes, todas as obras que tem influido sobre a humanidade, forão fructos de homens, que não tinham tido, nem filhos, nem mulher.

Bacon, Newton, Descartes, Gassendi, Galliléo, Bayle, Loke, Leibnitz, Boyle e Hume, viverão no celibato.

—Pela virgem, basta. Estou vendo que nesse andar citarias até o inventor do phosphoro e d'agua de Colonia. Discordo de ti.—

O Dante era cazado, *Tom Moore*, o ardente autor dos adoradores do fogo, tambem; e Christovão Colombo, o valente navegador, o sonhador cheio de

fê, que dialogando com seu genio, resistio ao sarcasmo da ignorancia, ao ridiculo dos cortezãos, e das testas coroadas, para vir apenas, sobre uma taboa, e tendo por unico patrimonio uma idéa, tornar-se o Messias do Novo-Mundo?

—Argumentas, com as excepções. Dante casou-se, porque já a natureza lhe dera uma cara de marido. Mas não passou o seu tempo em mandar fazer jaqueta, calça e camisas para a creançada. E sua musa, sua verdadeira esposa, era a filha de Portinari, que elle idealizou, e com ella viveu sob o nome mystico—da celeste Beatriz. O verdadeiro casamento do poeta—foi o platonismo

Demais essa citação não é minha, e se estás na maré das argumentações, agarra-te corpo á corpo á Tom Moore nas Memorias de Byron; tom. 2.º, traducção de Madame Belloc.

—E o poeta, e a princeza, e a filha do autor do cantico do calvario?

—A menina innocente que se devotára em corpo e alma—ao poeta-musico morre de paixão—consumida pelo amor.

Gennesco, que se rira até então, entristeceu-se, e fallou sério o que se segue.

—Oh! o vaso fragil não pôde conter o licor, que, á força de agitação, ferveu á estalar o involucro, que o contivera.

Pobre menina, eu derramo uma lagrima por ti, e mando-te em pensamento, uma nenia saudosa.

Sapho—de modestia extrema tambem tiveste teu rochedo de Leucade. Muito amaste.... e o—amor entísica, mirra e mata, como na canção d'Italia:

Altra volta gieri bella
Branca e rossa com'une fiore
Ma ora non. Non son piú bielé
Consumatis d'al amore.

E os dous mancebos, que até alli, tanto haviam zombado, abraçarão-se e chorarão. Erão dous loucos.

Gennesco terminou assim :

—A morte do poeta é o final do drama :—já tendo percorrido a escala de todas as baixezas, tendo soffrido tanto dos caprichos da mulher, infernalmente bella,—que corôa seu manejo infame, entregando-se ao amor sensual de um outro—tendo á seus pés encadeado—o genio.

—A' proposito, disse Gennesco, mudando de conversação, sabes o desejo que ouvi á um gallego na platêa, vendo o modo porque a *cortezã* tratava o genio ?

—Sim. Alguma estupidez.

—Sim. Mas de bom gosto. O meu gordurento visinho quiz saltar ao tablado, e esbofetear a actriz, que representava de princeza Falconieri !...

—Chama-se á isto :—punir em effigie !...

—Pobre tolo, desfructavel sandeu !... disse Gennesco—bocejando e sobrepondo os travesseiros—para encostar a cabeça.

—Eu me admiro, observou Mathus, é do sangue frio e indiferença com que viste o poeta—soffrer os insultos d'aquella mulher ? !...

—Ah, ah, ah, ah, meu caro, não tens a sciencia da vida. Se te casares has de viver com o rabo entre as pernas ; ou sacudindo e farejando a cauda—ao pé de tua mulher !

Mathus reprimio um gesto de máo humor.

—Não te admires, porém, accrescentou Gennesco sorrindo.

Byron, o proprio Byron, o soberbo genio, curvou-se aos pés da mulher ; era um miseravel diante da bella Guicioli ; eu o vi muita vez dobrando o chale

de su'adultera amante—no enthusiasmo do mais idiota *cavalier servente*.

Ha momentos em que a mulher é tudo, e o papel de humildade não vai mal ao homem. Cuidado, porém, e é o mesmo Harold—quem nos diz : « conhece bem pouco o coração da mulher, os que imaginão, por suspiros, conquistar esse ente inconstante.

« Que lhe importão corações—quando ella está certa de possui-los ?

« Rendei aos bellos olhos de vosso idolo a homenagem qu'elles reclamão... mas não sejaes muito humilde, ou a mulher despresar-vos-ha—por mais brilhantes que sejam as metaphoras da vossa confissão.»

São tristes, no emtanto, as ultimas scenas d'aquelle acto—em que o poeta descobre que fôra apenas um brinco, um dixe lindo, destinado á contentar por alguns dias o capricho voluptuoso da Italiana soberba.

André—o poeta—não tinha, como D. Juan, viva em su'alma—a imagem da belleza, a flor que nasceira pállida, abençoada pelos carinhos de um pai cuidadoso.

Pobre flor,—não vinha perfumosa revivê-lo, arrancando-o á estufa crassa da crapula—onde o genio—morria—sob a acção malefica da *cortezá*.

Seguir uma mulher querida, bella e apaixonada, amando ás vezes, promettendo sempre ; aprender-lhe os suspiros de amor, decorar-lhe palavra por palavra, a lenda que é no spasma, na agonia do amor, a musica de seus labios, o enlevo do coração ;—e vêr, de súbito, crenças que morrem, illusões que desmaião, e o vulto lindo das visões de luz—tornado esqueleto nú, livido e poerento !...

Correr sedento para um fructo lindo—e vê-lo desfazer-se em cinzas !

Cahir, como Satan, ferido pelo orgulho, rolando das portas do céu á negridão do inferno !

Subir poerento, cansado e morto, degráo por degráo—a escada da infamia, e ouvir no cimo a gargalhada mephistophelica, apontando o nada dos sonhos, o inanido das abusões !

Apalpar-se, duvidar-se, entontecer, e cahir, descrendo embalde da realidade que zomba, do despertar que insulta. Conheceis nada mais triste ?

Tal fôra a desillusão do poeta, conhecendo, tarde, as falsas caricias da mulher, que era sua vida.

Sua vóz fugio rouca da garganta, muda-se a scena, o poeta deseja mata-la. E' inda o amor. Amor sombrio, como o do Othelo.

Como no rei *Lear* uma vóz gritava :—huivai, huivai, huivai !...

E eu, ajuntou Gennesco sorrindo, digó-te com toda a calma—tive medo do poeta ao vêr-lhe o rosto afogueado, o gesto ameaçador, e a catadura em desespero.

E, por prudencia, segurei-me á um grosso, rotundo, e fornido *fatricha* que me estava ao lado, no banco, temendo, ainda, que apesar de me escurdar com a velha encadernação de *Corpus juris Romani*—fosse engolido pelo poeta !...

Gennesco ria-se como um idiota.

—Não te rias, Gennesco ; eu tive vontade de chorar !...

—Olá, Mathus, tardará muito o almoço ? Sinto-me capaz de comer por dous frades.

—Ouve-me, tambem, atalhou Mathus.

A morte de André, apoiado em seu companheiro, que tivera boas intenções, mas se enganára nos meios, é tristissima, e lembra a fatalidade dos dramas gregos,

A passagem da gondola, que leva a cortezã e seu

novo amante, em quanto a alma do poeta vai pedir asylo ao céo, é um contraste horrivel.

Veneza e a gondola, o canto, a vida, os festins e a orgia; a espuma que surri ao raio da lua, e as aguas que cantão chorando, e espreguiçando-se!

E o poeta, a dôr, a tristeza, o afôgo, o sangue, e a maldição do genio, as câns doidas do ancião.... e a phrase fulminadora do amigo!...

Oh—é para enlouquecer-se!

Faz lembrar o magnifico final de Hugo—na Lucrecia Borgia—quando os cavalheiros desarmados, não tendo, em meio da embriaguez e tinir dos copos, sentido a retirada das mulheres, ouvem como um dobre por morto—o cantochão, que responde ás canções bacchicas de Belverana.

Dhalila é uma orgia furiosa, que termina pelo affogar em sangue de seu heróe; ha no fundo da scena um cadaver que o povo apalpa, investiga, e examina, e verifica se já cessou de palpitar.

Depois é o insulto do profano, o arquejar do público, e o correr da prostituta na gondola que foge no dorso da espuma, ao cahir indolente dos remos, e coplas saudosas de um canto de adeus....

—Bravissimo! Bravissimo!

Disse Gennesco, atirando-se fóra do leito, e enfiandô as calças de chita.

—Cahio o panno,—segue-se, agora, a farça!

Os dous amigos levantarão-se, e abrindo os vidros, debruçarão-se sobre a janella, contemplando o bello céo de S. Paulo.

Depois de alguns minutos, Gennesco disse á Mathus.

—Vai-te—mal o ademan de Werther; quando teu coração bater, fa-lo calar-se. O coração, em nosso seculo, é um anachronismo; um velho trapo.

Ora, apezar de tabaquista, bem sabes, Mathus,

que trapo é substantivo cuja significação o seculo condemna.

Piza-o ao calcanhar, como o percevejo:—deitará mão cheiro, mas, emfim, viverás bem.

Põe a tua caixa de rapé do lado esquerdo; sempre é uma coiraça póde embotar os golpes do mundo.

—Fallas como um velho soldado, encanecido na devassidão. Teu character é a negação do que dizes. Sê franco.

—Amemos? Queres, tu, dizer?

—E então? Creio que não é impossivel?

—Pois bem, Sr. Werther, logo que eu achar a madona de meus sonhos; uma mulher louca, cérebro povoado de asneiras, e inimiga das modas, eu amarei.

Ama-la-hei—como André;—serei mais louco do que o Giaour....

Um moleque entrou, e declarou servido o almoço.

Os dous amigos sentárão-se á mesa. Já a Republica estava nos postos.

VII

Cynismo.

.....é então que a Illusão, phoenix de plumagem doirada, vem poisar nos meus labios e..... canta.

STELLO.

Ha em S. Paulo uma reunião original, vivenda louca, e caprichosa, e interessante, que tem uma chronica importantissima, mas que varia tanto, como o caracter de seus protagonistas.

Não sabemos que mente de poeta, ou de socialista observador, baptizou essa reunião sob o nome sympathico de Republica.

Tres ou quatro rapazes reúnem-se, pactuão e vão viver na mesma casa, fazendo em commum as despesas do alimento, do aluguel, &c. Eis a Republica proclamada.

Quando ha em casa da gente um caloiro ou um bizo.... então a vida—é uma risada homérica.

Na Republica :—cada qual é um rei :—grita, ralha, ordena, e discute ; tendendo sempre á fazer triumphar sua opinião, ou gosto especial. O estado da Republica é a guerra.

A' noute, diz um, que não quer chá ; mas chocolate ; outro prefere o café : e um terceiro só gosta de mate. Pois bem :—o do chocolate toma o chá, o do café o mate, o do mate—café.... e a luta se trava, terminando por tremenda descompostura n'outra alimaria—indispensavel á Republica—a princeza da cosinha—a cosinheira.

Que scenas interessantes, burlescas, sublimes e ridiculas não povoão a chronica das Republicas !

Ha Republica na Republica—Estado no Estado—formado pela aristocracia dos moleques !—Quem se entregasse ao estudo dessa vivenda, e escrevesse suas observações, prestando grande serviço á historia-biographica, escreveria, ainda, um livro curiosissimo.

Tal é a concha da perola, quero dizer :—o theatro em que se desenvolve o estudante. Ahi—desde o amor até ás aspirações mais altas da vida, encontrarieis vestigios luminosos dos seus sonhos mais brilhantes.

Só, ausente da familia, no laboratorio do pensamento, enjoado da visita constante de seus compañeros, ás vezes, o estudante soffre o que se chama, em gíria d'academicos—*cynismo*.

E', então, que lhe paixão mais vaporosas as imagens mais seductoras da vida. Gloria, esperanças, corôas, sorrisos, aventuras....—o que não sonha a cabeça de um estudante ? !...

A leitura dos livros, a influencia de um clima ardente, a posição que occupa, levão-n'o á pensar na patria ; e, então, elle é politico, jornalista, tribuno, historiador ; sobre tudo discute, opina, e zurze fortemente, como orgulhoso que é.

Ora, Gennesco, como vai vêr o querido leitor, estava em maré politica—e politicará no capitulo seguinte.

Elle está sentado em sua cadeira de balanço ; fuma e atira baforadas sobre seu amigo Mathus, que tambem *cynica*, enrolando no fumo do charuto seus sonhos mais delirosos.

Vigny—o poeta—diria que esta scena é filha dos diabos azues, *Blue devils*, na expressão ingleza. O estudante, porém, tem uma palavra para traduzi-la e é :—« *cynismo*. »

VIII

Ao luar.

Per amica silentia lunæ.
VIRGILIO.

—Como é bello o fumo de um charuto !—Bofé que fôra delicioso o viver do opio, que embriaga. Invejo a vida do Turco :—fumar e morrer.

Mathus despertou-se como de um somno e respondeu :

—Vai metter-te frade. Embriaga-te no ascetismo da madona !

Um raio da lua nascente veio bater-lhe na fronte. Elle levantou-se.

—Gennesco, vem vêr a lua :—seu rosto é pallido, seu andar vagaroso, simelha á moça-viuva, que acorda somnolenta do seu leito de vigílias.

Como ella banha o valle de luz prateada ! Seguem-na algumas estrellas, espalhando flores, e abrindo-lhe a estrada no céu.

Gennesco bafou uma ironia.

—Tens uma cabeça de poeta !...

Mathus olhava o céu.

—Que melodia é aquella que além descanta, na ponte ?

O rio surri ao beijo da lua ; eu quizera correr indolente—como o rio

Gennesco murmurou :

—De aureas ondas, como o Pactolo !

—A população abandona a cidade, e vem encarrar a natureza. A poesia é um iman—que attrahe os animaes.

Correr como a onda, cantar como a creança embalada ás canções da mãe querida : eis a vida.

Porque não sonhar-se ?

As illusões embalão o viver, desfazem o monotonio da vida, e alentão a esperanza.

Que seria a humanidade se não existissem sonhos, illusões, miragens, e creações da phantasia ?

Que nos importa que venha um dia em que as sombras se esvaêção ?

E' doce conversar com as flores, cantar com as aves, e interrogar as nuvens,—habitantes ethereos, que povôão o espaço, e mirão-nos—chamando, de seus palacios de crystal !

Oh, eu quizêra ser uma nuvem !

—Bem, não ha muito eras um rio, agora és uma nuvem. E' progresso.

Gennesco levantou-se, e veio encarar o céo.

—Vês além, Mathus,—aquella nuvem curvada ?—
Simelha um eremita ajoelhado na porta de sua grutta.

E' talvez uma alma crente, que soffria na terra, e em uma noute de febre, trocou o viver de argilla pelo manto nebuloso de Werther. E' a alma de um suicida.

A vida não vale um tiro de pistola.

—Queres, então, em tua philosophia de fumo e champagne encontrar o ramo de Sybilla ?

Diz-me Gennesco, não crês no amor, na patria, no suspiro tremente de tua mãe ?

O sol—com seu sorriso de rei, não esperta em teu peito, esse anceiar para a vida, essa sêde de infinito, que espiritalisa, embriaga, e constitue o genio ?

E quando a noute vem e passa—deixando-te ardente á consultar os palpites do peito, o bater das arterias, e creando teus dramas phantasticos, burlescos, delirosos, não te paixão sombras divinas que arroubão, e te inspirão desejos?

Gennesco atirou-se á cadeira de balanço, dando estridentes gargalhadas.

—O que chamas, tu, amor? Em nosso mundo de materia?

Será o grito dos sentidos que atira ao lódo—a virgem, que adormecêra cantando, sonhando, e adorando o crucifixo da cabeceira?

As flôres murchão, todos o dizem, e porque não confessar tambem, que somos todos tratantes, como o dissera Hamleto?

Diz-me, tambem, que nome dás, no sonhar ebriativo, no feliz optimismo do teu mundo de barro, á esse contacto immoral que prende a moça ao velho, a innocencia á libertinagem, o ouro ao ferro, o diamante ao seixo, a candura á caducidade, a virgindade á luxuria, em fim, a vida á morte?

Percorre a vida de todos os velhacos: estudantes, politicos, padres, e agiotas—o que vês?

Cada qual tem mascara, um punhal na sombra e um sorriso que envenena.

—Estás de máo humor, Gennesco, sei que não pensas tão mal de teus irmãos.

—Outr'ora, Deos mandava diluvios; afogava uma geração que envelhecêra na devassidão, e creava sêres mais perfeitos. Hoje, parece que o Creador engeitou a creatura; o oleiro espantou-se do orgulho do vaso, e, cançado de trabalhar em vão, tirou os olhos do mundo, e lavou as mãos como o fez Pilatos.

O amor—tórrou-se o objecto vendavel; a ignorancia—sciencia; e o patriotismo—couça ridicula.

Lembro-me de meu amigo Pelletan:—«o céo está deserto, no vacuo immenso dos mundos não ha mais em lugar de Deos—senão uma immensa risada.

Que dirias se visses o homem caminhar de cabeça para baixo? Andar para traz em vez de caminhar para a frente?

Talvez disséras ter chegado o Anti-Christo.

E o que vemos na terra?

O politico pensa pelo estomago, caminha como os condemnados do Dante com a cabeça nas mãos, ao geito, de lanternas—furta-fogo.

Sente de longe a corrupção do irmão em officio, cabe-lhe em cima, como o corvo á carniça; arranca-lhe os trapos immundos, talha-os á moda do dia, e faz zumbaias, com o sorriso nos labios.

As esperanças de um homem, sua reputação, aspirações de gloria, altura e bondade, nada são, se por ventura apparecem no caminho do mais velhaco.

Rasga-se impiedosamente o peito de um concurrente; tira-se-lhe o coração fazendo-se um bom prato, sem uma lagrima, um remorso.

Quem és, que te apresentas em meu caminho? Que dados tens para disputar-m'o? Pouco me importa:—és menos velhaco do que eu.... pizo-te, portanto. Adeus. Vou além desfructar o—naco, que te roubei.

A intelligencia, o civismo, e a illustração estavam escriptas n'um velho, e carunchozo bacamarte, que as traças roêrão; suas folhas forão queimadas para esquentar um banho, e—*ite, missa est.*

Fôrão-se as palavras asnaticas, que embalárão tantos parvos, que acreditarão, somnambulos, que o governo da opinião fosse uma realidade.

Pouah!... o maldito charuto encheu-me a bocca de cinzas.

—Bem te entendo, Gennesco, tu'alma de poeta, tua natureza sensível retrahe-se diante das scenas de escandalo que por ahí pullulão. Estamos é verdade em momento de crepusculo:—creanças ainda, fomos embalados pelo canto do soffrimento; nosso sangue corre envenenado pela influencia de ventos ruinosos.

Essa geração que o anachronismo assella, essas idéas absurdas, que lembrão o despotismo passado, vão pouco e pouco esvaecendo, e o terreno que estava de pousto—fecunda-se sob a acção de um sol brilhante.

Dia virá, em que nos levantemos de nosso leito de Lazaro; cada seculo tem sua virtude, sua missão á cumprir.

Não está em poder do verme da terra sustar a machina que leva o destino de um povo.

Não é tempo ainda!

Os espectros hediondos, caricaturas d'outras éras, que fallão linguagem, que não entendemos, apontão o sol que se põe; voltando as costas para o Oriente, hão de cahir esmagados pelo poder da idéa.

Houve um tempo em que a sociedade era uma layra em proveito de alguns; sciencia, industria, religião, um patrimonio de poucos.

Os privilegiados—unicos usufructuarios dos bens do Estado, calcavão com o alto cothurno—os que, idiotamente os contemplavão de cima.

O Pantheismo de Brahma desceu do alto do ascetismo, e tornou-se politica. Elle encarnou-se nas instituições, invadio o Estado, innundou a familia, e suffocou as aspirações sociaes—sellando as aptidões diversas n'um molde de bronze:—as castas.

A ausencia de élos sociaes, a verbena maldita que separava o irmão do irmão, e, que por um absurdo, tornava á uns senhores, e á outros—es-

cravos, veio trazer á sociedade o pranto, a miséria, a estagnação e o desanimo.

A arvore definhava, seus ramos emurchecião, seu tronco apodrecia, em quanto mil braços impotentes se erguião para os céos; e sob o nome de Brahma, Ormuz e Osiris—invocavão um poder divino ou humano que lhes dêsse allivio, balsamo, ao soffrimento.

Pois bem; um dia, Deos ouviu-os, e depôz o genio no palacio dos reis.

O povo já tinha seu guia, o Moysés pedido fôra encontrado.

O céu escureceu-se, a população que era senhora debateu-se em pranto, e os humildes levantarão-se. Em quanto no Egypto as terras esterilisavão-se, os rios seccavão, e a geração soberba esbarrava no túmulo, subitamente aberto, o povo dos soffredores levantava-se, caminhava guiado pelo genio, que levava no cerebro o novo *fiat*—fadado á ser creador de um novo mundo, e pai de uma geração futura. O encanto se desfazia:—cahia um mundo, outro se levantava.

O povo de Deos parou de seu rude peregrinar em uma terra—onde o leite e o mel e a abundancia corrião á flux, n'um sorriso do céu. Levantou as tendas, assentou o tabernaculo, e sacudio os poentes sandaloz:—era a geração de Ysace.

Além—era o deserto, mudo, triste, solitario e terrivel:—quarenta annos o povo passára—chorando e esperando. A imagem do Deos, que apparecêra na sarça, os seguira na columna de fogo, era sevéra—como a aridez do deserto:—o povo adorou-a.

A lei descêra de novo, n'um raio d'enxôfre:—lá, ao longe, na aresta sombria do Sinay. A geração peregrina estremeceêra ante o magnetismo do dogma, e no retumbante trovão adorára a Jehovah.

Jehovah é solitario—como o Brahma dos Indios ; —impenetravel—como Zerwan-Akrene dos Persas. Sua grandeza tem a magestade do deserto ; sua lei o terror, sua vista dá a morte. A essencia do deos influo no organismo social : Jehovah não é tudo, mas tudo é de Jehovah. O dogma incuba o germen do despotismo.

O povo molda-se pela pessoalidade de um Deos. Embuçá-se no mundo do exclusivismo, e apresenta cadêas á seus visinhos. Não era ainda—o escolhido do Eterno.

Um dia a planta aromosa que olhava para o céo, e lá das alturas entrevia o mundo, curvou-se á um vento mais forte, e descabio—ainda olhando o céo.

Seus templos forão tambem profanados.

Nas sombras tristes do pallido salgueiro, nas margens assombrosas dos rios melancolicos, seus poetas, verdadeiros prophetas afinavão as harpas, e entregavão as coplas de saudade aos ventos da tarde. As creanças nascião embaladas aos cantos de suas mãis escravas. E as lagrimas erão de sangue.

Na tréva lutulenta, nas tenebras onde o crêr nascia e para logo voltava á terra, em pó, Job debatia-se na cinza, e, no seu sarcasmo contra o céo, desafiava o Eterno. Tudo se atrophiava, mas os olhos do leproso-soberbo chammejavão á nova alvorada.

O povo exausto, á sombra das ruinas, na murchez da natureza e ingratidão do sólo, tremia oppresso, e n'um raio do sol supplicava á Jehovah.

O Deos parou, e do alto do céo contemplou os companheiros de Job ; uma lagrima de tristeza banhó-lhe as faces e elle fugio.... « O Christo, antes de revelar-se, segue quarenta dias os traços de seu pai, sobre a arêa immaculada.»

O Deus do terror se deixára impressionar pelo sofrimento dos homens, e mandou ao mundo, seu filho, como a hostia do sacrificio.

A' um riso do Christo—a natureza muda-se; não é a lenda assoprada, e altaneira, ao geito do Himalaia, que vê cahir á seus pés o povo amedrontado. E' um filho da mulher, pura como o annuncio do anjo, que reveste as fórmas do homem, e vem acrisolar-se no soffrimento; penar como o renovo do peccado, e lavar a maucha dos males humanos, nas ondas quentes das suas chagas divinas.

Os deoses pagãos, desde Baal até Jupiter tremêrão nos altares, e cahirão impotentes diante da doutrina da verdade. A paz, a caridade, o amor descêrão á terra nos raios doirados da religião. O rei e o povo, o patricio e o plebeu, o verde e o azul, o poderoso e o humilde trocarão, pela primeira vez, um riso de irmãos aos pés de um berço:—é que o Christo vinha solver o problema do destino, apre-goado por Moysés e discutido por Job.

O Christo empallidece na cruz, e seu sangue martyr cahio sobre os homens. O astro sumira, mas deixava na terra um luzeiro celeste. A fraternisação fôra o marco deixado pelo Mestre—como a bandeira de sua doutrina. Era o marco milliaro—onde se apoiasse o apóstolado.

O cheiroso nardo da Magdalena banhára a fronte dos homens na onda benefica da igualdade. Satan—bateu a possante cabeça ás portas do céu, e mordeu a cauda, reconhecendo-se vencido.

O desvario de um fanatismo horrivel, as labaredas de tantas fogueiras, perseguições, extorsões, o morticínio, tudo se apagou diante do divino Mestre.

Seus delegados não tinham alforges, não possuíam bens, e batião o pó dos sandalos na porta das cidades orgulhosas. Um prodigio de amor, a lei ge-

ral da fraternidade, a emancipação universal, o dogma santo da liberdade:—eis garantias de seu legítimo triumpho.

E o mundo reviveu á crença; a esperança cobrio a humanidade—com suas azas iriantes, balsamicas, e protectoras. A mulher abandonou o asylo do gynceu, antes dolorosa, triste e misera prisão; de instrumento de prazeres, do gôzo puramente sensível, tornou-se irmã do homem, senhora na familia, e, com o labio perfumoso, depôz terno beijo na face de seus filhos.

A serpente fôra calcada pela virgem.

Os circos fôrão por terra, os escravos, de cousa, tornárão-se pessoas, e reivindicárão direitos de homens, que Deos havia gravado perennes, immutaveis e absolutos—no fundo de seus corações. Spar-taco tivera seu dia de gloria.

Os primeiros serão os ultimos, os ultimos serão os primeiros, disséra o Mestre, em su'ultima ceia. Eis ahi sancionada—a mais espantosa das revoluções. A mão do Christo vierá ampliar o dogma do Boudhismo e escrevêra, primeira, a phrase sublime:—liberdade, igualdade, fraternidade.

Vierão os seculos, não comprehendendo a verdade doutrinal, tirárão consequencias, corollarios illogicos, da bondade religiosa. A intolerancia, o despotismo, e a superstição—matárão muitos martyres do pensamento, e passárão pelo cadaver de Arnaldo e Abeilard.

A razão é fraca; pallido crepusculo negalhe justeza de vistas, e verdades ha, que, pelo seu mysterio e altura, fogem de sua apprehensão. Só a graça, diremos melhor, uma geração mais perfeita poderá apanhar a infinidade de idéas—que força é ser acceita pelos homens de hoje, pela fé, pela crença, sem algum exame.

Um democrata disse:—«a Igreja affirma, a razão nega. Entre o sim do padre, e o não do homem, só Deos póde collocar sua palavra.»

O progresso não é, como dizem alguns canonicistas, antithetico á religião. Elle segue o desenvolvimento natural do espirito em todas suas manifestações e aptidões diversas, nas sciencias, nas artes, e nesse élo mysterioso que prende o finito ao infinito, o homem á Deos, e o creador á creatura.

Onde a religião que não seja o progresso?

Do culto da natureza ao culto do homem, e deste ao culto de um Deos unico, perfeito e bom? Não é isto o progresso?

Padres fanaticos mal comprehendêrão taes verdades; é por isso que a sciencia, na Média-Idade, é magia, e o apóstolo do pensamento um socio do inferno.

O maior pensador do apostolado, o mais liberal dos filhos da Igreja,—S. Paulo—já havia ensinado—que as heresias são necessarias. Por isso a Inquisição—o espectro vermelho, a amiga de um rei cruento, a assassina da Espanha, será eternamente maldita.

O Christo, o Christo, disse Mathus, cerrando os punhos, prégou o dominio da idéa, reformou a lei, e provou sua missão divina pelo imperio da brandura, da bondade. Seus herdeiros ineptos, indignos da opulenta herança, esbanjârão em saturnaes religiosas, em lides burlescas o sagrado cabedal, que Deos lhes deixára.

Prender-nos ao jugo da tradição, negar-nos a liberdade—quando em cada pedra do caminho, em cada marco da estrada, em cada arvore do campo; no céu, na terra, no mar, e no ímo de noss'alma,—uma virtude, um elemento motor, atira-nos ao peregrinar, e manda-nos correr para a frente—

em busca da terra da promessa, que nos surri
ao longe, lá, nas orlas brilhantes do oriente espe-
rado ??...

Gennesco escutava em silencio seu amigo Mathus.
Máo grado seu, aquella linguagem de fogo o arre-
batava. Mathus continuou :

—Desde que o homem teve por lei, castigo á sua
desobediencia, mytho, talvez, da contingencia de
nossa natureza, pedir á terra o alimento com o suor
de seu rosto, que estamos em caminho, de cruz
ás costas, seguindo para o Golgotha.

A perfectibilidade de nossa natureza, capacidade
que tem o nosso ser duplo de desenvolver-se, ex-
pandar-se em todos os ramos do saber, sciencia,
industria, artes, religião... seria um absurdo, de-
duzida a intolerancia da doutrina do Christo.

Pelo contrario, é quando tudo se tem curvado
ao despotismo de uma religião, que se crê firme
e bem assente,—quando não ha um suspiro, uma
idéa—que religião não seja, que tudo se abala, a
discussão se trava, e novos principios veem á luz.
Não era preciso—que La Mennais nos dissesse ;—
o bom senso nos prova.

Examina todas as revoluções que tem abalado o
mundo religioso, estuda o espirito do seculo, em
que ellas apparecêrão, e verás que é quando tudo
na religião julga-se firme e seguro — que uma voz
grita do fundo do abysmo a phrase horrivel do de-
monio das revoluções : — « o deus Pan está á mor-
rer !... »

Foi quando o Vaticano se tornou simples curio-
sidade, sala de mascarada, camara orgiaca dos Bor-
gias-papas, quando seus proselytos de crapula, in-
diferentes ao bom Deus, curavão do que lhes era
exclusivamente externo ; foi quando o Papado, ébrio
de sangue, surdo pela bachanal, e saciado de vic-

timas, esquecia — Deus — nos braços da dissolução, que troou pela Allemanha essa tempestade que passou ao mundo, cobrio os continentes, e balouça ainda, hoje, suas ondas furiosas.

A arvore apodrecia, era-lhe mister nova seiva; seus fructos cahião seccos—porque o tempo soára á muito; mudo e solitario—seu tronco abi permanecêra—como a columna de um templo arruinado. O lago que fôra um dia limpido e sereno, era, então, alveo de miasmas, pestilento, e esteril; veio o vento de Deos—e fecundou-o;— o vento fôra a Reforma !...

—Muito bem, Mathus.

Gennesco abraçou seu amigo.

—Aceito as tuas idéas; sou tambem dessa escola do futuro, que defende as raias do pensamento.

Não sou d'aquelles que renegão Lutherero, e acreditão piamente quantas calumnias e miserias o fanatismo tem colinado n'aquella fronte soberba. Admiro Lutherero porque comprehendeu a potencia dominadora do mundo; a idéa que ha de cantar victoria sobre os prodigios da força bruta.

O homem de genio, que dizia, triumphante, foi a palavra, só a palavra, que em quanto eu bebia cerveja com meu amigo Melanchton, abalou a santa sé, é credor de sympathias, de enthusiasmo, do culto, talvez, dos apologistas do pensamento, sonhadores do voto livre, dos espiritos superiores que tem comprehendido, que o mundo, hoje, pertence a palavra, que traduz a idéa—na imprensa e na tribuna.

A sociedade caminha para a democracia—que é a formula suprema da força intellectual; a enthronisação das idéas, que importem a maior igualdade possivel no mundo do pensamento, e do direito.

A theocracia foi a desigualdade. A democracia —será a igualdade.

Esta preside ao maior desenvolvimento das faculdades do homem, suppõe grande desenvolvimento de civilização—como aquella subentende o privilegio, a casta, e a negação do direito.

A theocracia seria, hoje, impossivel, absurda, e signo do regresso—porque é a immobilidade.

A democracia é a inspiração do seculo, a missão civilisadora dos dias á que chegamos.

E' a fórma symbolica da civilização da America.

Luthero e Descartes, Rosseau e Voltaire eis os gigantes que abriram as portas ao mundo do pensamento.

A idéa começára seu reinado fazendo estalar a Bastilha, apostatar a realesa, no sangue das guilhotinas, passára elevando a columna de Julho, varrendo a realesa por direito divino, e escrevendo—em nosso paiz— a epopéa do Ypiranga,

O génio immenso de Guttemberg—o doudctor Faust—na crença monastica, não parou ainda, sua missão continua, novos prodigios têm á obrar na sociedade.

Um hospede—com quem o mundo não contára ainda—veio, agora, bater ás portas do pensamento :—é a opinião.

O sangue gangrenado dos reis, por origem divina, veio vivificar-se na onda quente das veias populares ; a ambula dos padres esgotou-se e só subsiste um baptismo legitimo—é a vontade nacional.

Aos reis, que ora sobre o throno voltão a face para o poente, e fascinados pelo novo clarão, tacteão um passado, que morre, errando entre ruínas, e sombras, cuidado ; segurem as corôas—o vento é forte e póde espatifal-as.

Hosanna : disse Gennesco, em sublime enthusiasmo ;—podemos bradar o nosso «Eureka» a alavanca de Archimedes está achada :—é a imprensa livre !....

E a lua que passava brilhante pendeu a face, ouvindo-os, e beijou na fronte ardente os dous entusiastas.

IX

Ao luar.

Uma nuvem occultou a lua, e uma sombra correu pela terra.

Gennesco dirigiu-se ao seu amigo.

—Vês a lua, Mathus? Ha pouco tão brilhante, bastou uma nuvem para obscurecel-a:—eis a imagem de nossos sonhos. Para nós ha tambem uma nuvem:—é a realidade. Já fallamos do passado—olhe-nos o nosso presente.

—E o futuro, tambem.

—Uma descrença malefica, censuravel, e perniciosamente inspira as medidas politicas. Cada qual trabalha, tendo em vista, não o interesse commum, o adiantamento de seus irmãos, mas seu bem estar individual.

Parece-me que os philisteus, que se dizem do bom senso, e tem o desdem nos labios para acolher o talento infante, que canta por que acredita, não podem olhar-se, sem se rirem da boa fé do povo—como affirmava Cicero, á respeito dos augures.

Patria, progresso, civilisação, solidariedade, bur-las, dirão elles, em todos os tempos, em diversos periodos da historia, outra cousa se não viu, e a escola de Verres não deixou de contar innumeraveis alumnos.

Gritai, moços, dirão os santos homens da fortuna, gritai que tendes valentes pulmões, força no ventre,

e razão sobeja :—cansareis, um dia, e adoptareis nosa theoria soberba.

Quanto á nós :—temos no rosto a mascara de ferro, no peito uma commenda talismânica, e no craneo mil arrobas de chumbo. Gesticulai, trepudeai, hui-vai... e viva a sinecura, largos annos de somnolencia ao papalvo do povo. Estamos seguros :—a pythonissa philipisará sempre,

A imprensa—sublime descoberta—a columna do templo humano—que devera ser—pura—como o culto de vesta, inviolavel—como sacerdocio, tornou-se um lixo onde vão ter as immundices da sociedade.

Os renegados, os apostatas, os continuadores do Aretino, e toda phalange de homens inuteis, que fallão porque tem orgão vocal, caminhão porque tem pés, cospem sacrilegamente na fronte augusta de Guttemberg, e voltão a arma poderosa—contra os que mais alto levantão a fronte, olhão-nos de cima, porque são divinos, e os desdenhão—porque tem em si o mérito, a intelligencia o civismo, e a dignidade do homem de bem.

Os homens castos, os pudicos da politica, que estigmatisão o escandalo, e fogem, deixando o manto, como o filho de Jacob, são por uma retorsão infernal, accusados, feridos, e enlameados—pela causa que os eleva e os innocenta.

Vê, meu caro e sonhador amigo, é tão grande a desmoralisação, á que chegamos ; a geração tardia debate-se tão fundo na lama politica, que se aponta os moços, que dizem o que sentem, confessão o que entendem, como se se visse um posesso, um escapo do hospicio—Pedro 2.º

Tu que tens tanta fé em tu'alma, alentas no peito ardente esperanças tão bellas, serás julgado animal curioso, urso branco, macaco verde, e serás apon-

tado—como a onça de gaiola que passeiou no carnaval.

Quando entoares teu hymno de triumpho, e esperança no progresso, no futuro, na democracia, terrível pateada acolherá tuas notas e mais de um labio de mulher dirá que bebeste muito ao jantar, ou que te constipaste—olhando ás estrellas.

—E tantas intelligencias que ha por ahi, tantos moços de esperança?

—Esperanças? Sim, é bom não descrêr. Não sou bem o sabes, um pessimista, litteralmente fallando, quando vejo um rasto de animal examino-o; ora, *infelizmente*, de ordinario encontro um casco de burro, uma ferradura de asno; burro significa *burro*, e eu uno a palavra ao nome, sem pretensão as orelhas de alguém.

Creio na mocidade, amo, até o delirio, meus irmãos d'idéa; e tenho sempre uma palavra sympathica para seus talentos; espero nas intelligencias academicas, como nas filhas inspiradas de Deus.

Demais, meu amigo, são corseis possantes, têm fogo nas veias, não forão domados ainda; e na força da natureza hão de correr para a frente, atirando couces, mordendo, fortes, os piolhentos, nafegos, mancos, e cegos sendeiros, que lerdamente se encanecerão nos pastos pingues.—simelhantes aos caducos patriarchas da tribu asnina e cavallar.

Mas que queres? Nem todos serão assim, Hoje, o apostolado da intelligencia, a sancta inspiração do democrata; amanhã, talvez, a maldição do passado, o sacrificio da idéa, e o culto cego aos desvarios do poder.

Si pudesses, como o protegido de Asmodeu, encerrar do tecto das casas o que por ahi vai, ou se tivesses os *famosos oculos da velha*, senão enlouquecesses, como aquelle moço, que posto zombar

de almas penadas, ensandeceu accordando com um cadaver no leito, fugiras espantado, de abas ao vento como já o fez Rousseau, ou te riras como Aristophanes, Anacreonte, Voltaire ou H. Heine.

Estamos cercados de homens de má fé, calumniadores, arautos de más novas e caricaturas de Scapino.

Os proprios irmãos de idéa, os filhos do mesmo partido, que beberão na mesma taça, sentando-se juntos á mesa civica, redicularisão-se, combatem impiedosamente, e calcão o irmão d'armas, apupando a mesma bandeira. Entristecem-me taes scenas, e duvido ás vezes, descrendo dos homens e das cousas.

— E' triste verdade o que dizes, mas esperar é tudo. Não se constitue um povo, não se cria uma nacionalidade com uma simples pennada, ou phrase eloquente. Lembra-te das revoluções, das lagrimas e dos soluços, que tem embalado o berço das nacionalidades.

Os mãos forão de todos os tempos, e a liberdade, virgem candida, tantas vezes profanada, tem visto muito traidor, muito vendilhão enodoar-lhe as vestes, morreu por isso? Não. Olha, medita e espera.

O Brazil não é essa creança bella, risonha, e feliz—como por ahi papaguêão: é antes o irmão gêmeo de Quasimodo; seus membros quebrarão-lhe seus algozes, tornando-o um tronco informe.

Em quanto hymnos resôão, e ovações á liberdade echoão pela terra; em meio das flores, das luzes, dos risos, dos festins—passa uma sombra triste—como o protesto contra—o banquete dos livres:—é o escravo.

A metropole legou-nos um triste dom: bordou nosso manto de uma côr infame. O Nesso moribundo brindou-nos com uma tunica envenenada.

Em quanto a espada do guerreiro degenerado abria caminho em nossas florestas, e brilhava, não, procurando o povo, por conduzi-lo ao redil sagrado, mas por tomar-lhe as riquezas, e levá-las ao esbanjamento do jogo, dos jantares, e orgias da côrte, os filhos do Brazil corrião para as brenhas, e levando nas costas seus innocentes filhos, escapos casualmente aos cavalleiros de industria, ião carpir ao longe a fatalidade da conquista.

A mal entendida piedade de um sancto homem, que julgava os homens pelo seu coração, fez apparecer entre nós esses camelos de dous pés, dous braços, e que trazem escripta na negridão da côr a macula da escravidão.

Eis o nosso passado colonial. Tudo, que entre nós pensa, maldiz a escravidão, e a série de consequencias terriveis—que a acompanhou; sente a necessidade de seu desaparecimento, mas cahé impotente porque o mal tomou fundo, e nem é tão cêdo que o possamos evitar.

—Sim. Mas não se segue d'ahi que não devamos gritar contra tão barbara instituição. Se os nossos labios se fechassem, do céu, da terra, do mar, dos montes e florestas, um brado levantar-se-ia defendendo a causa dos oppressos.

Em nome da moralidade, do impulso generoso de nossos corações, em nome da historia, do futuro, e das gerações vindouras.... protestemos, não sejamos complices de tão immenso, e barbara assassinato.

A escravidão é ferrea e barbara—como a pena de morte:—aquella rarea—esboreemos a outra.

—E as nossas lettras? Pobre litteratura.

O homem de talento—longe de pensar no modo de abrir vastos horisontes, rasgar mares desconhecidos á actividade social, tem necessidade de ajun-

tar dinheiro, e preparar um cabedal que lhe dê independência.

Quando o estomago pede alimento, a penna do poeta, ou do philosopho, estala sobre o papel, e muitas vezes terminamos uma ode—passando uma letra.

Ainda não comprehendêrão uma verdade e é: que o homem de talento, o pensador, o obreiro da idéa, trabalha tanto ou mais que qualquer traficante, ou homem de covado,—na felicidade commum.

Não se aprecia um livro, uma composição nova, em nosso paiz se por ventura não n'a precedem títulos, e encommendas, em fórmula de prologo. Para saúdamos um cantor novel é preciso que a imprensa tenha escripto em letras garrafaes, que o moço é de esperanças, e, trabalhando, pôde produzir alguma cousa.

O que se chama opinião publica entre nós, é tão mesquinha, que o poeta, o philosopho, o prosador eloquente não é conhecido, se acaso não pagou ao typographo uma publicação em regra, uma noticia *ad hoc*.

A politica tudo absorve, em tudo influe, não somos d'aquelles que a reprovem nos moços. O que é a politica?

Não é a espada como o pensava Carlos 12. Não é a arte de enganar—como o apregoava Machiavel.

E' a cupola do edificio social. E' a montanha onde deve reunir-se tudo que é grande em um paiz. E' o cerebro da Nação.

A litteratura não lhe é hostile; a poesia não é sua negação. Na época em que estamos, á menos de cairmos no somnambulismo, não podemos levar a poesia para o passado e escrever no templo das musas:

Non me agitant populi fascies, aut purpura regum.

A poesia é a vida :—deve, portanto, abraçar todos os ramos de desenvolvimento, que requeira actividade social.

A politica e a litteratura caminão ambas para o mesmo fim ; longe de hostilidades, e negação de hospitalidade mutua, ellas devem-se, pelo contrario, o pão da viagem, auxilio no movimento commum. D'ahi a necessidade imposta ao governo de proteger as lettras. Os Lycurgos, os Solons, e os Moyses, tambem forão poetas.

Espalhemos a civilisação pelo povo, arranquemol-o á sorte malfadada desses prisioneiros Schythas—á quem erão arrancados os olhos para não verem seus verdugos, e o nosso estado de cousas hade melhorar.

Façamos sentir ao cidadão a magestade que o rodêa, lembremos-lhe sua soberania de homem livre, e teremos o voto livre, e politicos legitimos.

Se a poesia blasphema é que...

—Não vês, Mathus, como a lua vai bella, de uma belleza merencoria ?

E' talvez a Niobe da America, chorando pela sombra de seus filhos.

—Sim. Lamenta, talvez seus filhos que banhão com o sangue a terra livre da America.

Que coincidencia ? A America nos foi legada por um martyr. A democracia já tem aqui as paginas do martyrologio.

O rio alli passa risonho, e a briza da noute suspira—à vida... ao lado ahi dormem os mortos, e os raios da lua brincão bellos n'aquelle velho par-dieiro.

Os dous moços encarvão estaticos o brilhantismo da noute, e em silencio seguião o curso inconstante de seus sonhos de vinte annos.

Bastava ver-lhes as fronte soberbas para sem or-

gulho fallar, com Lavater, que erão duas capacidades; almas ardentes, e cuja natureza se alimenta de luta.

Mathus quebrou o silencio. Já luzião os primeiros clarões da manhã.

—Não é bello tudo isto, Gennesco? Pois bem.

Dia virá em que os montes rolarão, os rios deixarão seu alveo, a terra se abaterá, e estará dita a ultima palavra da humanidade.

Mas a igualdade, a liberdade, e a fraternidade não passarão... Christo o disse, e o Christo era Deus...

—Ajoelhem-nos ao pé da cruz, como o discipulo amado; olhemoss' alma, ouçamos o hymno de crença que a religião ensina á creança, assim como ao homem, tanto ao sabio como ao ignorante, ao barbaro e ao civilisado; — e quando a tormenta da terra, a mão de Satanaz, passar-nos pela cabeça, encaremos: — no céo um Deus — e na terra, — o ser que resume na divindade do sorriso — e no gesto, na fronte, nos labios, e no coração os raios do infinito: — «nossa Mãe.»

—Sim; soluçou Gennesco, — esperemos.

Foi um momento sublime.

FIM DO 1.º LIVRO.

